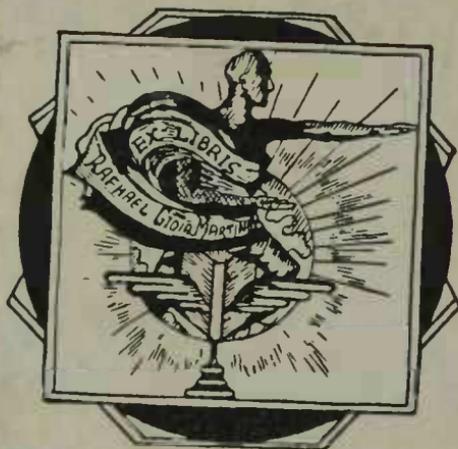




Encadernação
e Douração

R. João Theodoro, 104

JOÃO I. DAS DORES





José de Alencar

Je ne fais rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

AO

IMPERADOR

de

o

Rei de Gado

CARTAS

Nemini cedo.



RIO DE JANEIRO

VENDE-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

1865

Publica-se ás quinta-feiras : cada carta conterà pelo menos 8 paginas.

AO
IMPERADOR

~~~~~  
**CARTAS**  
~~~~~

I

Senhor.

A verdade, filha do céu, como a luz não se apaga. No seio da escuridão mais densa jaz a centelha que afinal propaga a chamma.

Em todos os tempos, quando a corrupção invade a sociedade e o vicio contamina as fontes da vida publica, Deus suscita um apóstolo para salvar no meio da geral dissolução a dignidade da razão humana. A's vezes é um historiador como Tacito, ou um poeta como Juvenal; outras é Demosthenes o orador, ou Seneca o philosopho.

Atravez do zumbir da lisonja, do riso aparvalhado das turbas, do resfolgo oppresso das consciencias, no meio das bachanaes publicas; ergue-se vibrante e sonora a voz da verdade, semelhante ao canto de cysne de uma sociedade que succumbe.

O Brasil passa n'este momento um transe bem doloroso. Se a rotação dos estados tem seus dias e suas noites, nós chegamos já ás sombras crepusculares de uma tarde medonha; os prodromos da tormenta são sinistros; a calma podre da opinião assusta os espiritos mais intrepidos.

Um publicista, tão robusto no raciocinio, quanto profundo na observação, Montesquieu, deixou escriptas estas palavras:

« A desgraça de uma republica é a carencia de luta; succede isso quando corrompem o povo; elle torna-se frio e se affeioa ao dinheiro; mas perde o gosto aos negocios. Sem interesse pelo governo e pelo que lhe propõem espera tranquillamente o salario. »
(Esp. das leis — Liv. 2º, cap. 2º)

Quem não sente a presença d'esse grave e terrivel symptoma de corrupção, na infeliz actualidade, em que tudo se merca e barateia, voto, honra, e reputação?

A' região superior em que vos collocou a soberania nacional, não sobem, senhor, nem o pó que torvelinha, nem os rumores que se escutão, no estadio onde se agita a patria, afflicta do presente e temerosa do futuro. Os miasmas da terra não costumão attingir ás eminencias.

Mas é tempo que a verdade penetre os paços imperiaes para fallar-vos só e desassombrada. Arrostre embora os motejos da turma que se espoja na praça publica prompta a escarnecer de gente séria e a apedrejar a virtude. Assanhe as iras dos illudidos amigos que pensão engrandecer-vos defendendo vossa pessoa á custa de vossa gloria.

Não choque o melindre imperial a pouquidade do instrumento que maneja a Providencia para illuminar-vos o coração. Em vossa intelligente religiosidade haveis de adorar muitas vezes a sabedoria divina, até no humilde insecto de ephemerazas que annuncia a approximação do temporal.

Fecha por instantes os ouvidos ao cortejo official e á linguagem de apparato para escutar uma voz aspera, mas sincera; é tambem devota e mais leal do que muitas outras que então melodiosas as manifestações publicas; e sardonicas trateão pelos escusos recantos.

Falla-vos um amigo verdadeiro. Crede-o, senhor, crede sem hesitação. Elle sente em si a coragem do louvor cordial e franco, porque tem a consciencia do reparo justo e moderado.

Monarcha, eu vos amo e respeito. Sois n'estes tempos calamitosos de indifferentismo e descrença um enthusiasmo e uma fé

para o povo. As esperanças que brotarão na primeira metade de vosso reinado, se murcharão ao sopro máo do presente, ainda podem refflorir sob os raios de vossa coroa. O cidadão livre se aproxima sereno de vosso throno porque nunca ahí sentou-se a tyrannia; sua dignidade não se vexa, ao reclinar-se para beijar-vos a dextra augusta, porque em vós acata elle o pae da nação.

Homem, eu vos prézo e admiro. Virtudes civicas e domesticas adornão vossa pessoa. Na cupola social onde a nação vos collocou, sois para a sociedade brasileira mais do que um rei, sois um exemplo. Quando por toda a parte se ostenta impune o pungente spectaculo do relaxamento do dever e obliteração do senso moral, a alma da gente honesta se expande contemplando em vós um typo de homem de bem.

Em uma palavra e ella resume vosso elogio. Bem poucos monarchas dirião como Pedro II: — «Nunca em um reinado de quinze annos, estreado com a inexperiencia da juventude, nunca abri meu coração a um sentimento de odio, nunca puz meu poder ao serviço de mesquinhas vianganças.»

Sem receio pois, senhor, inclinae a fronte á minha palavra: por ventura austera alguma vez, mas sempre respeitosa, não ha de offender-vos a magestade. Não esquece o cidadão que falla ao primeiro magistrado da patria, nem o brasileiro que se dirige a intelligencia superior de quem, só, o paiz espera e instante reclama a salvação. Se alguma vez o quadro fôr em demasia carregado, se obedecerá ao judicioso pensamento de Joubert: «A graça da verdade é apparecer vendada».

Deslisou-se pouco ha a penna n'estas palavras estranhas — coragem do louvor — ! Dizer novo e característico da epocha. A lisonja tem infelizmente grassado por tal fórma, que o cidadão cauto e discreto evita manifestar todo o bem que sente a vosso respeito com receio de confundir-se !

Ouvi, senhor !

N'este momento mesmo, em que resolvo fazer um supremo appello á vossa augusta e nobre consciencia, estruge pelos thea-

tros e praças a vozeria da gente leviana que entre hymnos e flores vos saúda como o heróe da Uruguayana! A inconsideração chegou a ponto de projectar-se uma espada de triumpho que vos devia ser offerecida em nome da nação!

Vossos amigos sinceros, ainda cheios de regosijo pela volta de seu adorado monarcha, se entreolhavam succumbidos ouvindo estas aclamações. Receiosos de divulgar o pensamento, se interrogavam mudamente, na duvida de que tal ostentação escondesse uma satyra amarga.

Porque serieis heróe em Uruguayana, onde não se feriu batalha, nem celebrou victoria?

Pela magnanimidade do perdão? Já era D. Pedro II heróe antes de lá ir. Não tem conta as vezes que elle perdoou a seus inimigos as injurias e doestos com que armão á populacidade. Esta clemencia foi maior e mais difficil, porque era de vosso próprio agravo. O barbaro insulto feito á dignidade da patria, não sei que poder algum tivesse faculdade para o absolver e até honrar, emprestando-lhe o character de guerra.

Que farieis da espada triumphal que vos pretendião offerter, a vós, rei constitucional?

A espada do soldado é sem duvida um instrumento de civilisação e liberdade, como é o gladio da justiça ou o baculo da igreja. Mas vossa dextra, a Providencia a armou de mais sublime insignia; do sceptro, que é symbolo de governo.

É n'este ponto que os reis são feitos á imagem de Deus.

O Supremo Creador, fonte de vida e intelligencia, não se incumbe de influir o universo de sua propria essencia, nem de mover-se de um a outro ponto para activar a rotação das espheras. Elle permanece no centro da creação; e instituiu seus ministros a luz, o ar, o fogo, a terra, a agua, todos os elementos que dirige e.n sua eterna sabedoria.

O criterio que possuis em alto gráo inspirou-vos d'esta vez.

Praza aos céos que essa energia vos assista sempre para ir expando com um senho da magestade, tantas e tão inconvenientes aberrações do pundonor, como por ahí fermentão a cada canto.

Que esvairar incomprehensivel de gehte irreflectida! Ao passo que ali celebrão como um grande feito, a victoria incruenta do algarismo e do tempo; aqui se lembrão de symbolisar esse triumpho pacifico em um instrumento essencialmente guerreiro!

O decóro da magestade vossa é o brilho do nome brasileiro, exige um pronunciamento vigoroso contra semelhante perversão da razão e senso publico. A mentira escandalosa atéa por todo o paiz e affronta de collo alçado a indignação dos caracteres circumspectos. A patria cala-se, mas córa; e o estrangeiro já não esconde o riso de mofa.

Proponho-me, senhor, a dizer-vos a verdade inteira a respeito do paiz, sobre os homens, como sobre as cousas; e quero enuncia-la em publico, ante a nação, para que ella saiba que emfim já não a ignoraes e se regosije com a esperança do prompto remedio.

Não tenho ambição nem interesse em cojas aras sacrifique; não tenho despeito ou odio á cevar com alheio soffrimento; mas sinto ardente o amor da patria e vehemente a impulsão do dever que arroja o homem ao martyrio da justiça e da verdade.

Levanto apenas o pendão de uma cruzada santa. Convocae para ella, senhor, vós que podeis, todos os homens honestos; congregae-os ao redor de vosso throno para que sobre as ruinas dos antigos partidos desbaratados pelo egoismo, se eleve o grande partido da lei e da moralidade.

O povo espera de vós: — que aniquileis os bandos de ambiciosos que se associão para explorar as desgraças publicas em proveito seu: — que expulseis dos sanctuarios da nação os réos de improbidade politica, como Christo enxotou os mercadores do templo: — que ordeneis aos poderosos o respeito á moral e á justiça, dando vós primeiro o exemplo do desprezo pelos caracteres poluidos, qualquer que seja a altura á que tenham galgado. Com-

mettei a empreza, senhor. Erigi á cima de todas as pequenas conveniencias, como das vaidades enfatuadas, esses dois titulos que rutilão em vossa coroa imperial, e devem d'ahi reflectir nas paginas de vosso reinado — virtude e intelligencia. —

Quando houverdes consumado sua gloriosa conquista, não se-reis o heróe de qualquer villa, nem o vencedor de um ridiculo tyrannete. Podereis desvanecer-vos de ser o heróe de um imperio e talvez de um seculo americano; tereis esmagado a hydra da corrupção que ameaça devorar a patria.

A nação inteira irá depositar a vossos pés, não espadas ou despojos opimos de hymnos e flores; mas um trôphéo que raros conquistadores já merecêrão e tiverão; o coração agradecido de um povo orgulhoso de seu monarcha.

Avante, senhor!

Ao mote brasileiro — « Pela cruz, pela coroa, pela lei » repli-que com esta nova divisa — « Pela honra » — e caminhae á gloria, á gloria pura e excelsa que Deus destina aos reis. A parte sã do paiz vos acompanhará cheia de fé e enthusiasmo; a outra senti-tira, vendo-vos passar, o remorso precursor do arrependimento pungir na consciencia.

Do meu canto, desconhecido e não obstante votado á execra-ção dos mãos, eu vos applaudirei.

Se alguma vez o fervor da convicção arrebatarme a palavra, que ella, apesar do meu firme proposito, vos imagoe a justa sus-ceptibilidade, perdoai-lhe, senhor, essa rispidez da sinceridade. E assim, perdoando e ouvindo, serei defendido pelas duas virtudes que Salomão disse fazem a guarda do rei. *Misericordia et veritas custodiunt regem.*

N'essa e em sua santa guarda, rogo eu a Deus vos conserve muitos annos para felicidade do Brasil.

17 de Novembro 1865.

Erasmu.

■ ■

Rompa-se o véo á miseria da patria.

Contemplae, senhor, vosso imperio.

É este o Brasil florescente que ha dez annos perlustrava com soberbos commettimentos a larga senda do progresso?

Decennio fatal foi esse que ao vigoroso imperio, cheio de séve, transformou em paiz decadente, salteado de temores, oberado de males.

Longe de carregar as sombras ao quadro, busco rarear o fumo para menos affligir vosso coração patriótico.

A politica, alma da nação, espirito que a vivifica e anima, que ruim vicio a corrompeu, senhor, que d'ella fogem como da peste cidadãos eminentes, seus antigos e mais ferventes apóstolos?

Outr'ora, nos tempos condemnados de lutas ardentes, a politica foi uma occupação importante para o povo, e uma dedicação profunda para os cidadãos que aspiravão á direcção dos negocios publicos.

Vião-se passar nestas ruas do Rio de Janeiro, a pé, na rudez do trajó e modestia de sua honrada pobreza, os Feijós, Vergueiros, Andradas, Paulas Souzas, Limpos, Torres e Paulinos. Não se annunciavão pelo rodar das carruagens, e comtudo a nata do povo os via de bem longe e depois de saudal-os os acompanhava respeitosamente com o olhar.

Evaristo para governar a opinião do paiz não carecia de salas douradas e lautos saráos; o singelo balcão da pequena livraria que, ainda bem pouco tempo ha, se viu na rua da Quitanda, servia de modesto altar á liberdade.

Ali concorrião em numero a beber as idéas de um homem de bem e sincero liberal, patriotas dedicados; não os levava a esperança de pingues empregos ou cobiçadas condecorações.

Eheu! prisca fides!... Actualmente a política é para as massas um simples folgar, quando não é um pacto indecoroso.

Sabeis, senhor, onde hoje em dia se encontra o vosso povo, aquelle mesmo povo entusiasta que fez a independencia, a abdição e a maioridade?

Nas audiencias dos ministros, nas çasas dos patronos de maior voga, á porta da matriz onde se arremata a eleição em hasta publica. Se ahí não estiver, é porque fórma o cortejo de alguma leviana donzella trajada á militar, ou applaude com frenesi as chocarrices da farça e as corridas do circo.

Cobiça e prazer — *panem et circenses* — eis o que move as massas quando as desampára a crença da liberdade e a dignidade popular.

Rasga-se a constituição, entorna-se sem medida a renda nacional, calcão-se as leis de segurança, offende-se a propriedade individual, engana-se despejadamente o paiz zombando de sua boa fé.

O povo não se move; ri ás vezes, com aquelle grosso rir de bonachão que se diverte á custa propria.

Os homens que pretendem actualmente fóros de estadistas e chefes de uma opinião, fórmão contraste perfeito com os antigos patriotas. Para estes a causa publica não é devoção, porém repouso apenas de occupações mais lucrativas.

A politica já não crêa como de principio martyres da liberdade, servidores de uma idéa, cidadãos eminentes; agora distribue sorrisos e favores áquelles que a requestão. Aos felizes arranca-lhes a flór da reputação, que uma vez crestada nunca mais tornará a viçar; aos desprezados sopra-lhes o desanimo n'alma!

Deploro, senhor, esta depravação da substancia nacional, que é o exercicio da soberania, e a expansão das forças vivas do povo; mas não ousou condemnar as victimas do terrivel contagio.

E como, se culpados somos todos nós, que nos encerramos no alveolo de nossa individualidade, quando o dever de cidadão nos manda reagir fortemente contra o torpor fatal?

A influencia climaterica é tambem uma verdade philosophica no mundo moral: a alma tem como o corpo sua atmospherá, em cujo ambiente respira. E' forçoso que o espirito se inteirice na temperatura glacial da dâvida e incerteza.

Ninguem dá actualmente á politica mais que vislumbres de uma intelligencia embotada pelo receio e apathia; tambem nenhum favorito grangêa d'ella mais que lucros e vaidades.

A verdadeira gloria, a alma popularidade que dilata as nobres e ousadas ambições, murcharão. Os bordados fardões, recamados de ouro, ostentando os emblemas de subidos cargos e altas dignidades, não arrastão apoz si os votos e respeitos da multidão! E alguns são não sómente dignos mas credores d'esse justo tributo.

Outra cousa era a casaca rapada que envergvão os chefes da maioria em outras eras, quando generosos de seu nome e individualidade se misturavão com o povo para o dirigir.

Não deveis portanto admirar-vos, senhor, da esterilidade dos ultimos annos; a fé, que é o calor fecundante do coração, desertou d'aquelles que devião inspirar o paiz. « E os grandes pensamentos, disse Vauvenargues, vem do coração ».

As actas legislativas d'esta decada fatal, não encerrão uma idéa digna da intelligencia e adiantamento do povo brasileiro.

O primeiro reinado em oito annos legou-nos a constituição, bello padrão de sabedoria e liberalismo; o codigo criminal; a organização das municipalidades e a instituição dos juizes de paz.

A regencia foi rica de trabalhos; o acto adicional, a organização das provincias, o codigo do processo, a ordem judiciaria e financeira, além de muitas outras medidas administrativas.

O segundo reinado até 1854 deu-nos as melhorias da organização judiciaria e do regimen eleitoral, o codigo mercantil, a abolição do trafico, o restabelecimento das finanças, o desenvolvimento do credito e espirito de associação; prosperidade no interior, gloria no estrangeiro.

Nos ultimos dez annos o poder legislativo depois de deturpar sua origem, o systema eleitoral, não deixou outros vestigios senão o rastro desolador de um longo desperdicio dos dinheiros publicos.

Era logico. As camaras filhas da venalidade do voto devião ser essencialmente mercantis e industriaes. A' margem as idéas grandes, passem adeante os orçamentos caudatos, terriveis cometas que arrastão o todo e mais da renda publica.

Semelhante perversão da politica produz um lastimoso phenomeno renovado todas as vezes que uma mudança ministerial se opera.

Longe da solemnidade que devia ter e já teve esse aconte-

cimento indicativo da ascensão de um partido ao poder, provoca elle modernamente uma inconveniente hilaridade.

A crise, ou com mais propriedade, a dissolução ministerial é annunciada previamente por zombeteiros annuncios, rôes de caricatos personagens, apresentados como aspirantes ao conselho da coroa.

Liberdade da imprensa!... dizem. Desgarros da licença, que não ousára tanto, se a opinião reagisse com indignação contra esse insulto á soberania representada no poder! Mas por desgraça nossa o riso e o exemplo insuflão taes miserias!

O ministerio, exposto ao motejo publico, responde por alguns arrancos, e de repente desaparece atraz do reposteiro, sem que o paiz saiba a razão verdadeira porque veio e se foi.

Trata-se da nova organização. As versões mais ridiculas, as mais extravagantes chacotas correm as ruas. É do tom lançar passando algum dito chistoso sobre o comico assumpto. Justão os de arguto engenho na mordacidade e sarcasmo.

Triste e afflictivo lance de um povo escarnecendo de sua propria dor e vergonha!

Opera-se logo uma cobarde deserção. Os vultos salientes da situação, geralmente indigitados se esquivão. O organisador nesse abandono, vacillante entre a abnegação do alto posto de honra, e a justa ambição de servir a coroa e o paiz, é forçado a lançar mão de personagens secundarias.

Publica-se nos principios de cada sessão uma lista de nomes dos deputados com o fim de facilitar o conhecimento de suas respectivas moradas. Esse papel...

Deverei dizer-vos, senhor?... É doloroso, mas é necessario patentear-vos toda a profundez da ulcera que chaga a nação e de instante a instante se conflagra!

Esse rôl, arranque-se a palavra, já apontou ministros á vossa coroa! E estes, filhos da sorte, são talvez preferiveis a outros, meros clientes, apresentados por famosos patronos.

Aquelles que estavam habituados a venerar a magestade na altura inacessível onde não deve subir o bafô das paixões que

rastejão em baixo, sentirão confranger-se a alma, assistindo ao amesquinamento das mais altas posições.

Os olhos medem a immensidade do firmamento pela magestade dos astros que fulgurão nos céos. Imagine-se que em vez d'esses ministros esplendidos da luz, mal bruxoleão pequenos meteoros, e a idéa magestosa do infinito affoga-se na duvida.

Efeito analogo ha quando se grupão em volta do throno, onde só deve subir o civismo provado e o prudente saber, nomes desconhecidos, alguns até mesmo pela sua mediania. Por força que declina a summidade onde paira a coroa.

A administração resente-se profundamente d'essa subversão da politica.

Homens novos, sem prestigio, de chofre surgidos da obscuridade, entrando nos conselhos da coroa tomados da vertigem da subita ascensão, escalando o ministerio com o arrojo e orgulho dos favoritos da fortuna; não podem imprimir ao paiz uma direcção prudente com energia, forte com moderação. Não se violenta debalde a ordem natural, porque ella breve reage contra o insulto; a planta de que se arranca um fructo temporão, a infancia de que se precipita o desenvolvimento, mingão logo e se exhaurem.

Quantos representantes da nova geração politica não se terião habilitado no trato dos negocios para aproveitados estadistas, que uma elevação precoce aos mais altos cargos, eivou! Passados os breves entumecimentos de uma felicidade caprichosa, apenas resta a vaidade que insufla a ambição, porém suffoca o estudo e o trabalho.

Os delegados do governo nas provincias, cargos de summa importancia, são medidos pela craveira ministerial. Aquelles, que entrarão na vida publica anteriormente aos jovens ministros, ou já adquirirão certa reputação, desdenhão qualquer presidencia.

Algum chefe que por ventura resolva aceitar a commissão, como Scilla ou Mario levavão nas aguias de suas legiões o voto do senado e povo romano, transporta elle comsigo a porção correspondente do poder executivo e investe a dictadura.

A repercussão do que se passa no cimo da hierarchia, vae

de ponto em ponto degradando até os ultimos e inferiores agentes da administração; é um effeito infallivel do exemplo, essa grande electricidade do espirito.

O povo menoscaba a autoridade; esta desdobra um apparatus de força, como o charlatanismo ostenta galas de sciencia; mas conscia da real fraqueza não ousa affrontar-se com os poderosos e suas clientelas; immola os humildes.

E' usual, nos tempos correntes, vêr enfurecida e armada contra a racione, a autoridade, que saúda o crime aristocratico ao passar no soberbó trem horrifandô-a de lama.

Amiudarão ultimamente os attentados do governo contra a constituição; nunca o executivo alardeou com mais desgarro sua omnipotencia; e entretanto nunca elle pôde menos, nunca tremeu tanto. Sob essa ostentação de vigor, resvalão os favores, e rola o ouro que adormecem a opinião.

Audendo magnus tegitur timor.

Chamfort, em uma breve maxima, traçou o caracter politico das principaes duas nações da Europa; disse elle que — « o inglez despreza a authoridade e respeita a lei; o francez despreza a lei e respeita a authoridade. »

Não viver actualmente o illustre moralista que descobriria em nós um duplo contraste!

Não respeitamos a lei, porque falta-nos aquella fê robusta de sua athonomia que tem em alto gráo o povo inglez, para quem a lei é como uma consciencia nacional.

Não respeitamos a authoridade, porque ella não reveste o lustre que em França constitue sua maior força. Essa Athenas moderna como a antiga se embriaga facilmente de gloria e talento.

Volvei agora, senhor, vossa conspicua attenção para as finanças, que são as forças musculares da nação.

O espirito que tenta devassar a situação economica do imperio, vacilla, como o olhar de quem sonda as profundezas de um abysmo immensuravel que fascina. E ha realmente na actualidade financeira uma voragem, para onde remoinha o paiz com espantosa rapidez.

O que apavora os animos, senhor, não é o deficit maior da terça parte da renda ordinaria, confessado pelo governo na ultima sessão quando a guerra ainda em principio não patenteava a enormidade dos sacrificios que exige do paiz.

Não é a divida crescida que já contrahimos dentro e fóra do paiz, o a nova ainda mais avultada a que seremos forçados muito breve para remir nossos empenhos.

Não são as despezas tamanhas, já não orçadas, que se vão decretando desordenadamente, sem prudencia e medida, para ostentar um superfluo armamento predestinado á rapida deterioração.

Não é emfim a exhaustão dos recursos presentes, que incute o terror aos que reflectem sobre a situação financeira; é sim o golpe profundo desfechado ultimamente em nosso credito.

Paiz recente na civilisação como na independencia, a Europa divertia-se a zombar da nossa infancia social; não obstante inspirava o Brasil tal confiança, que a nossa firma foi sempre respeitada no primeiro mercado do mundo, ainda mesmo nos tempos difficeis da organização do paiz.

De repente, abateu-se o credito brasileiro ao nivel de uma velha nação arruinada e do pequeno estado de uma federação assolada pela guerra mais devastadora dos tempos modernos.

A nação agitou-se com uns assomos de indignação pensando que a tinham sacrificado; o governo emmudeceo, naturalmente de tristeza; e acaba de sellar com um acto de contricção afflictivo, a certeza da fallencia do nosso credito.

A reintegração do negociador do ultimo emprestimo em suas funcções diplomaticas é a confissão feita pelo poder da impossibilidade de obtermos do nosso banqueiro melhores condições. Tal confissão nas vespersas de um novo emprestimo, e no coração de uma guerra mais pecuniaria que bellicosa é a bancarrota.

Não vos illudi, senhor; a insolvabilidade acompanha de perto a perda da confiança; e por opulento que seja vosso imperio, seu territorio não se transforma em renda e numerario, ás palavras magicas dos fabricadores de orçamentos.

Se a alta do algodão, e a uberdade d'este solo, fizerão nestes ultimos tempos crescer a receita, estes bafejos de prosperidade em vez de serem motivo para serenar vosso espirito, o devem amargarar.

As colheitas exuberantes são alternadas pelas escassas; a grande concurrencia e a paz americanas ameaçam o algodão de uma baixa. Demais, ainda persistindo esse accrescimo de receita nem sequer equilibraria os orçamentos annuaes.

A este quadro lastimoso junta-se a crise das duas fontes principaes da renda publica. O commercio jungido a uma liquidação forçada, que principiou em 10 de Setembro de 1864 e terminará ninguém sabe quando, anniquilando mais de dois terços da fortuna particular; a agricultura ameaçada pela questão magna da emancipação que avança a grandes passos; estremece até o imo a sociedade.

Eis, senhor, em largo esboço a medonha catadura da situação, que buscão velar a vossos olhos com falso brilho de uma gloria marcial, e os vislumbres embaciados de fallazes esperanças.

Arredae os andrajos, ponde a dextra unigida no coração da patria e escutareis as palpitações redobres e tenues.

Se alguma cousa ha de mais afflictivo do que a miseranda phisionomia da patria, é esse desanimo que apoderou-se d'ella: a confiança a desamparou, vagão-lhe em torno os olhos pavidos, e não enxergão senão indifferença e egoismo dos mãos, angustia dos bons que a deplorão impotentes para defendel-a. Só vós, senhor, podeis ainda salvar-a; e apressai-vos para que não seja tarde.

Confiae mais na propria força e no poder supremo que a nação depositou em vossas mãos.

Quando um povo livre, abdica o pleno exercicio da soberania, é dever imperioso do monarcha, seu primeiro representante, assumir essa grande massa inerte de poder, para evitar que ella seja dissipada por um grupo de ambiciosos vulgares.

Ache ao menos a liberdade que desertou á alma succumbida da patria, um abrigo nas dobras do manto imperial para que não morra conspurcada nos tripudios da anarchia.



Senhor.

A abdição de sua autonomia pela nação não é um phenomeno recente. Seu traço vem de longe; em 1848 já se desenha saliente na historia patria.

Volver ao passado, quando a actualidade na avidez do futuro, devora com soffrega impaciencia os successos contemporaneos, é affronçar á indifferença publica.

Mas eu não sacrifico á fatua curiosidad: que só estimulão o picante do escandalo e os adubos de grosseira especiaría. Levo os olhos, além, na prosperidade da nação e brilho do vosso throno. Vou de vagar, porque vou longe; *lente fastino*.

Emfim dirijo-me á vós para quem as paginas de vosso reinado devem ser, como os refolhos da consciencia imperial abertos á posteridade.

Naquelle anno de 1848 o paiz observou attonito o suicidio do grande partido que já em 1837 esbanjára no poder sua popularidade e fôrtalesa. Foi aos lampejos sinistros da revolução franceza, quando por toda a parte a democracia exultava, e a realleza estremezia com a repercussão do terrivel desmoronamento da monarchia de julho, que esse acto se consummou.

Os liberaes brasileiros, senhores da opinião, representados no parlamento por uma mocidade illustrada que dirigião os mais illustres veteranos da politica; resignavão pelo orgão de seu chefe Paula Souza a direcção do paiz.

Esta phase caracterizada por um mote que se tornou historico — *a quebra dos remos* — foi a solemne confissão que fez o liberalismo de sua impotencia. Alguns chefes mais energicos, dos quaes a fé não se evadira de todo, protestárão contra a exauto-ração do partido; o espirito publico reagio em duas provincias; mas domado pelas armas victoriosas do governo, succumbio.

Como a republica romana expirou com o austero Catão nos campos de Utica, o partido liberal brasileiro finou-se com Nunes Machado, sincero patriota, no ataque do Recife.

Annos depois, em 1853, soou a hora para os vencedores.

O partido conservador, que havia inaugurado seu dominio cheio de vigor, sentio por sua vez a caducidade precoce. Não lhe valêrão nem sua pleiade de eminentes estadistas, nem a aspiração geral dos espiritos para o repouso das lutas. Realizado o grande beneficio da extincção do trafico, desenvolvido o progresso material, melhorada a administração, quando se abrião ante seus esforços largos horisontes, eil-o que abandona o poder; sua dispersão começa.

Eusebio de Queiroz, vulto proeminente, se retira do gabinete de 29 de setembro com Mont'Alegre, presidente do conselho, um dos decanos da politica, e Tosta, já notavel pela sua energia. O illustre abolicionista do trafico, cercado de grande popularidade, insinuou como motivo da retirada, uma fadiga que sua então robusta virilidade contrastava.

Foi essa a primeira convulsão do partido conservador; o desanimo dos chefes não era senão o contagio do torpor que invadira as camadas inferiores.

Dous chefes, dous grandes nomes, Torres e Paulino, resistirão ainda; talvez para tentar um esforço que de novo consolidasse o partido; talvez porque julgavão empenho de honra consummar a obra começada. A guerra argentina estava concluida com gloria, o principio da authoridade firme e respeitado, o progresso material em rapida ascendencia; mas era preciso desenvolver a politica brasileira no Rio da Prata, dar impulso ao credito, e pôr em execução a organização recente das finanças e diplomacia.

O gabinete recomposto sob a presidencia de Torres, e logo apoz modificado, teve afinal de deixar o poder em setembro do anno seguinte. Esse acontecimento assignala o começo de um segundo periodo da decomposição sempre crescente do partido conservador. O desanimo prostrára mais dous valentes lutadores.

Nota-se então, senhor, uma anomalia que prognostica o futuro. Ao tempo em que se relaxão os élos d'esse partido, que ao numero oppunha a compacidade e ao enthusiasmo a disciplina, seu

adversario, o liberal, feito para a opposição, longe de resurgir dos destroços, cada vez mais se aniquilava.

Os antigos e illustres chefes, uns ceifava-os a morte, outros recolhião á vida privada para se finarem na pureza de suas crenças. Fluetuavão, porém, uns sobejos de lidadores que, muito moços ainda para se encerrarem no sarcophago do passado, aspiravão a novos commettimentos; com elles se encontrão os conservadores que, rotos os antigos vinculos, já vogavão á discreção.

Essa corrupção geral dos partidos e dissolução dos principios, que tinhão até então nutrido a vida publica no Brasil, é o que se conveneionou chamar conciliação: termo honesto e decente para qualificar a prostituição politica de uma época.

Paraná, que ás antigas reminiscencias de sua vida parlamentar e administrativa, acabava de juntar as recentes glorias da missão especial no Rio da Prata, incumbido de organizar o gabinete de 6 de setembro de 1853, tentou, mas desistio, da formidavel empresa de consolidar o partido. E entretanto se alguem havia para tal esforço era elle, o homem das grandes audacias e heroicas resistencias, o deputado do 30 de julho e da maioridade, o presidente do Rio de Janeiro em 1842 e de Pernambuco em 1848.

Desamparado pelos chefes a que se dirigio, forçado a organizar com um amigo e cinco nomes novos um gabinete que só do seu reflexo recebia força; essa vontade rigida, sentindo que o chão de suas glorias antigas vacillava, tirou da posição critica novo arrojo. Apoderou-se da enguia nojenta que resvalaria em outras mãos; e fez da conciliação uma politica, emprestando-lhe idéas e aspirações.

Os chefes conservadores deplorarão a tendencia do novo ministerio; mas, companheiros de lutas e amigos do organisador, remettêrão-se ao silencio; apenas a espaços ouvirão-se as vozes, do marquez de Olinda, em formal opposição, de Eusebio de Queiroz, protestando contra a inconstitucionalidade da reforma eleitoral.

Entretanto Paraná lançava os fundamentos de sua politica, attrahia á si a flôr da intelligencia e mocidade, deslumbrava a

população com projectos de engrandecimento material, e arrancava das camaras a lei dos circulos que se lhe afigurava a verdade do systema representativo, quando devia ser o aviltamento.

Com a popularidade e energia de que dispunha conseguia o estadista commover até as entranhas a nação, e arrancar-lhe novos partidos, novos enthusiasmos? Deos o chamou a si antes da decepção. Seu ministerio decapitado arrastou-se até a abertura da sessão de 1857, em que evadio-se do poder.

A esperança na formação de novos partidos, que alentára o prestigio do marquez de Paraná, esvaira-se mal vio o paiz que as tres summidades politicas da época, Eusebio, Itaborahy e Uruguay, não sahião da sombra para arrecadar a herança do illustre innovador. Coube a tarefa de continuar a politica chamada da conciliação, ao unico dos chefes conservadores que a havia combatido de frente e com vigor, ao marquez de Olinda.

Tal era o baralhamento de idéas, homens e tradições, tal a confusão que reinava nesse amalgama dos sobejos de partidos corruptos, que um cidadão venerando, illustrado com a suprema magistratura da regencia, no ultimo quartel da vida em que o espirito como o corpo se torna mais sedentario, regeitava todo seu longo passado, recentemente avivado, para dar um passo adiante da conciliação.

Em outras condições, esse acontecimento se chamára uma apostasia; nas circumstancias que o acompanhárão, foi uma sujeição implacavel á ordem providencial dos acontecimentos. Era necessario que o titulo estimado de partido liberal, e alguns nomes historicos que permanecião puros na sombra da vida privada, tornassem á scena, afim de serem tambem por sua vez submergidados nessa voragem de paixões mesquinhas e sordidos interesses, que devorou a escol da antiga e a flôr da nova geração.

Para galvanisar os fragmentos do extinto partido liberal e consummar assim a obra de sua degeneração, a Providencia designou o mais accerrimo dos adversarios, o ultimo campeão que na tribuna do senado levantára o energico protesto contra a conciliação e defendêra a pureza das tradições conservadoras.

O ministerio de 4 de Maio de 1857 foi de coalisção; surgem com elle nomes historicos, que figuravão nas antigas lutas; seu reaparecimento na scena produz grande effeito moral nos restos esparsos do antigo partido liberal; pullulão esperanças, que os orvalhos do poder vão regando aqui e ali.

Vem o gabinete de 12 de Dezembro de 1858 que precipita com a questão economica a marcha dos acontecimentos; o lisim que de muito tempo já se notava na maioria parlamentar abre fenda, ainda o pudor ou o habito conseguem, senão unir, demorar a completa ruptura, com a organização do ministerio de 12 de agosto, mutua e solemne mistificação.

O marquez de Caxias, amado no exercito e sympathico ao paiz, organisou o gabinete de 4 de Março de 1861, derradeiro esforço dos conservadores arcando com a decomposição.

Assim como apparecem á espaços convulsões que subvertem a natureza bruta, haverá na historia dos povos periodos funestos, nos quaes uma causa ignota conturbe os espiritos?

E' preciso crêr nesse phenomeno para não duvidar da prova da intelligencia e criterio de muitos homens dos que ultimamente atravessarão a scena politica do Brasil. Ha circumstancias, dizia o illustre Chateaubriand, em que o talento é completamente inutil, e o maior ministro se achata e desaparece sob a ponderação das cousas. (*Revoluções antigas. — Cap. 34*)

O ministerio de 4 de março, proposto á regeneração dos conservadores, forte do elemento militar para debellar o espirito de agitação em fermento, foi justamente o que desfechou no partido o golpe de misericordia. Rotas as ultimas junturas da maioria parlamentar, o poder resvalou com a fracção d'ella para os bancos da opposição.

Em 20 de Maio terminou a agonia do partido conservador.

Estes ultimos tres annos são preenchidos pelas repulsivas contorsões de uma coalisção, que á semelhança dos reptis, estorreja depois de morta e decepada.

A esmo repetem ainda essas denominações de conservador e

liberal; os partidos a que ellas correspondião, bem vêdes, senhor, que estão realmente extinctos.

Não se concebe um partido sem imprensa, especialmente o da ordem, que rejeita o concurso do braço, e só combate com a palavra. Todos os esforços empregados para crear na côrte um órgão conservador tem sido vão!

Faltão chefes. Os antigos, venerandos pelos grandes serviços, mas vergados ao peso dos annos ou feridos pela enfermidade, reclamão o repouso a que tem direito. Os novos não se formá-rão; a luta que os prepara e o triumpho que os consagra, tihão passado; nenhum se acha com força de reunir os fragmentos esparsos.

A opposição é a convalescença dos partidos, debilitados no poder. Como Antheo, cobrão novas forças tocando o chão da arena política. Quando o partido conservador, abatido ha tres annos, jaz no mesmo profundo lethargo, é porque decididamente o espirito o abandonou.

O outro, que se chamou progressista, nunca foi partido. Repellem tal designação a decencia e a dignidade de alguns caracteres sizudos que figurão na situação.

Amalgama de quantos despeitos e ambições gerára o desbarato politico dos ultimos annos com as puras mas illuses aspirações de poucos homens honestos, eis a liga. Apenas no poder desarticulou-se, como as varias peças de um esqueleto; por toda a parte apparece a carie, e desprendem-se esquirolas nojentas cobertas de sanie.

A aurea que a exaltou ao poder e saudou com jubilo seu triumpho, muito ha que a abandonou enjoada. Os pròprios truões da farça quando recolhem aos bastidores, gargalhão das visagens e esgares com que armão á pingue receita.

Plaudite, victores!... Debalde; o paiz official é quem primeiro se lastima por tanta ignominia; homens laboriosos, que juntarão em longos annos cabedaes de conhecimentos praticos, tragão crueis humilhações, vendo-se ludibrio da ignorancia e fatuidade.

Reflecti, senhor, esta pagina succinta da historia patria, que doixo aberto ante vossos olhos; e repassai-a dos lumes de vossa razão ogregia.

Os partidos, no systema representativo são a milicia da nação; velão sobre o exercicio da soberania; defendem as instituições e preservão simultaneamente o monarçha e o povo. Destruidas essas legiões da idéa, ficão em campo as *guardas preterianas* que fazem e desfazem ministros, como outr'ora imperadores.

Durante oito annos tivestes, senhor, nove gabinetes, e maior fora a proporção, se as ambições assanhadas não encontrassem obices em vossa prudencia.

E' preciso ainda mais nausear-vos com o aspecto repulsivo d'essa putrefacção dos partidos?

Ahi está o parlamento. Se algum já mereceu a qualificação dada á desprezível assemblea enxotada por Cromwell *riump parliament*, é sem duvida o que durante o decennio fatal presidio aos destinos do Brasil.

A legislatura de 1853, vota sob a ameaça da dissolução a lei dos circulos, proposta como um correctivo á impureza das eleições; e depois de se confessar illegitima perante o paiz, funciona um anno ainda!

A de 1857 supporta a coalisção liberal do marquez de Olinda, contraria á feição da quasi unanime maioria; recebe o gabinete Abaeté, puro conservador, e logo o repelle á pretexto de uma questão economica; afinal junte-se ao ministerio Ferraz, que a condemna ás forcas caudinas, arrancando-lhe a lei bancaria, antes repellida.

A de 1861 accetitá complacente um ministerio organizado em desprezo della; dá no seguinte anno o triste spectaculo de uma maioria moveiça que vio tres ministerios em oito dias; e acaba pasmando, aterrada ante uma combinação numismatica, subversiva do governo parlamentar.

Da actual ostão na tóla as indecencias. Tres ministerios forão devorados; tres outros já ella abortou. O setimo não existira, se

não acreditassem que como Pallas, sahira armado do cerebro de Jupiter; por isso a camara offereceu-lhe sem hesitação o holocausto de sua dignidade. Que não dará ella para que a desprezem a ponto de a esquecer?

Admira, senhor, como cidadãos individualmente probos e cordatos se consolidão assim com a escoria em uma liga monstruosa, que humilha a cada um no recesso da consciencia.

E' o effeito lastimoso da attracção do vicio, á qual deveis oppôr quanto antes a cohesão da virtude, operada ao influxo da magestade!

Devo fallar-vos do povo.

Mas onde está elle, senhor, que o não vejo?

Nas urnas só acho as cédulas pagas á vista ou descontadas com promessas de pingues empregos e depreciadas condecorações.

Os tres poderes do povo, como os chama Brougham, a imprensa, o jury e os comícios, apenas vislumbrão.

A imprensa está bem desenhada nesta grande capital que mata as folhas politicas e só fomenta as gazetas industriaes. O jury, onus insuportavel, de que se esquivam o cidadão, ainda mesmo pagando. Os comícios, espectaculos divertidos, nos theatros publicos, quando não são o rosnar da fome, como em 1860.

Que resta, senhor, do paiz? Ha alguma parte onde viva ainda e pulse a soberania?

O povo inerte, os partidos extinctos, o parlamento decahido!... Restão é verdade, alguns cidadãos eminentes, abrigados na tribuna vitalicia; como as reliquias do senado romano, esperão tranquillos em suas curules o momento de morrer com a liberdade que amirão.

São fracos, porque estão descridos; mas accendei-lhes a fé no coração enregelado, que se tornarão fortes e vigorosos. Com esse elemento do passado podereis ainda corrigir a tempera d'esta geração cachetica.

3 de Dezembro.

IV

Senhor.

Quando o poder executivo absorve uma grande porção da soberania, é natural que o povo collocado em plano inferior attribua o facto á acção da coroa situada na cupola do systema.

A' medida que os partidos se corrompêrão no Brasil e a vitalidade da opinião esmoreceu, foi surgindo de entre essas ruínas politicas uma idéa que á pouco e pouco tem grassado no paiz.

A existencia do governo pessoal está na crença de muitos brasileiros.

Deleita-se a malignidade em cultivar semelhaute convicção, interpretando á geito alguns factos recentes, ou pondo em circulação uma copia de anedotas de reposteiro; fabulas que fugindo á luz da publicidade e pullulando quaes immundicias no lodo escuro, não são esmagadas como devêrão.

Insufregas ambições já tem por mais de uma vez formulado positivamente a accusação. Mas deveis regosijar-vos, senhor; são ellas proprias que ao aproximar-se do throno mais se allucinão na atmospherá superior, e dão ao publico o grotesco spectaculo de sua ebriedade cortezá.

O povo que os vir partir rigidos e indomaveis em sua rusticidade democratica, logo percebendo-os de longe vacillantes e balbos, acaba por acreditar que fluctua realmente nas altas regiões do poder um principio corrosivo da liberdade.

Se ha falsa prevenção é esta que se tem estabelecido á respeito do governo pessoal. Minha convicção vai muito além. Não sómente nenhuma influencia directa exerceis no governo; mas vosso escrupulo chega ao ponto de frequentes vezes concentrar aquelle reflexo que uma intelligencia sã e robusta como a vossa deve derramar sobre a administração.

Rei constitucional, vossa missão é a do sol; não aquelle astro

fatidico e abrasador de Luiz XIV, que condensou a borrasca de 1789, mas, o foco brilhante que rege todo um systema e dardeja luz e calor para a nação.

Quando as brumas das paixões se interfirão entre vossos raios beneficos e o povo para quem viveis, é vosso dever espancal-as pará que se veja sempre na limpidez da alta politica o regio aspecto da magestade cingido de esplendor.

Como é possivel que se propague esse erro deploravel do esta belecimento de um governo pessoal, quando as actas contemporaneas a cada passo o dissipão completamente ?

Aberração do espirito publico; tanto mais extravagante, quanto os factos geralmente assignalados com o cunho da pretendida influencia da coroa, são aquelles em que mais se accusa uma escrupulosa imparcialidade. Senão, percorrão-se os successos dos ultimos annos:

O acontecimento talvez mais saliente e que logo fere o espirito é a composição anomala dos ministerios e sua marcha vacillante. Propalão que os vicios organicos, a ephemera existencia e as matizadas combinações de varias opiniões, *tesselated pavement*, como as chamou Burke, tudo é devido á ingerencia directa que tendes na politica.

Protesto alto contra semelhante imputação, e não quero mais prova que o proprio facto; dispenso os argumentos que poderia tirar do vosso criterio e austeridade de principios.

Não fosseis, quem sois, um rei que não fascina o imperio, e vos tomasse acaso a ambição do mando absoluto; qualquer dos ultimos gabinetes, fracos e apenas protegidos com a sombra imperial, seria um instrumento ductil á vossa vontade, nenhuma das camaras modernas, que o menor geito desarticula e a só lembrança da dissolução estremece, vos houvera resistido.

Esta verdade está na consciencia publica.

Que necessidade pois obrígaria um soberano usurpador, secundado em seus projectos, á mudar frequentemente o ministerio, affrouxando por tal fórma a acção administrativa que fera de

seu interesse robustecer com a permanencia e solidariedade dos agentes?

Que empenho teria esse monarcha de reunir em um mesmo gabinete, não só adversarios politicos, mas inimigos pessoaes ou charras mediocridades, desmoralizando assim a authoridade e debilitando o governo com surdas reacções de rivalidades latentes?

O calculo da propria ambição repellira semelhante atropello.

Jorge III, notavel pela inflexibilidade de character, apêzar da decidida influencia que exerceu no governo, foi coagido a mudar repetidas vezes seu ministerio, e até a recorrer á celebre coalisção de North, Fox, Cavendish, Keppel, Burke e outros.

Mas a rasão?

No parlamento inglez lutavão partidos vigorosos, que á inflexibilidade da coroa oppunhão a firmeza e rigidez de seus principios. A guerra americana lançára a Inglaterra em uma crise aterradorá. Nesse transe, entre a ameaça da abdicação por parte do rei, e o formidavel aspecto da opposição, os chefes whigs sacrificarão-se para salvar a nação e a coroa.

Estadistas como Fox e Burke para quem o ministerio era um declinio, podião fazel-o com sobrançeria, ainda mais quando levavão ao poder a franqueza das crenças e a prohibidade das convicções. Mas a justiça do povo inglez é severa para os partidos, como para os cidadãos, que delinquem da honra. Fox perdeu a immensa popularidade; e só muito depois de sua morte a posteridade lavou a macula que offuscára tão bella reputação. Cincoenta annos expiou o partido whig sua avidez de mando; lição dura aos partidos que se aviltão.

Não sois Jorge III, senhor. Se d'elle tendes a abnegação do imperio, tendes mais que elle as virtudes do rei e do cidadão. As coalisções que se operão em vosso conselho não resultão como na Inglaterra da reacção de partidos poderosos contra a tenacidade da coroa, nem as inspira o mesino pensamento nobre e franco; são apenas uma alliagem de individualidades na esperanza de engrandecimento pessoal.

Fora porém vossa posição e vosso caracter identicos a d'aquellè infeliz monarcha. Não vendo como elle em torno de vós uma pleiade illustre de varões, digna dos melhoes tempos de Grecia e Roma, não havieis de ser tão prodigo da pureza e prestigio de vossos estadistas. Ao contrario o lustre de vossa gloria vos estimularia a poupar nestes tempos escassos os raros nomes estimados e os caracteres integros que fórmão a riqueza moral da patria, e servem de columnas ao throno.

Onde está o Pitt brasileiro, para vir depois do desbarato dos nossos estadistas, assoberbar a crise e restituir o paiz á sua anterior prosperidade?

Em alguns actos inconstitucionacs do poder executivo, pretendem igualmente divisar bem transparente vossa vontade imposta á ministros frageis que não ousarião tanto sem a certeza do apoio da coroa.

Vosso espirito de rectidão é reconhecido; acredito que nutris o desejo de ver a magistratura depurada da immoralidade que por ventura a deturpa. Mas ousou affirmar que se uma generosa indignação vos arrancasse um acto de força contra a corrupção escandalosa, não se limitaria a dar com a aposentadoria o repouso á venalidade de alguns mágistrados; mas havia de fazer justiça plena, imprimindo o estigma da culpa em todo que o merecesse, magistrado e administrador, humilde e soberbo.

É tal o delirio, que simultaneamente com esse acto de severidade vos attribuem o de uma benevolencia excessiva para a fraude: as medidas tomadas por occasião da crise mercantil! O simples cotejo mostra á toda a luz que as duas idéas não são filhas de um só e mesmo pensamento, mas da confusão e diversidade de homens que de repente sobem á tona do poder para logo sumir-se no pego de sua obscuridade.

A instituição dos voluntarios está longe tambem de ser de vossa iniciativa. Apreciaes devidamente o exercito, que ama com entusiasmo seu monarcha e zeloso protector. Não era possivel que cogitasseis um meio de desgostal-o profundamente, estabele-

cendo preferencias á favor de bisonhos soldados, com preterição de bravos veteranos cheios de serviços, e já traquejados pela victoria.

Em todas estas medidas, o que se revela bem patente é a precipitação e temeridade de ministros ephemeros que peregrinão pelo poder, sem cuidar dos estragos que vai deixando sua passagem. A fraqueza os excita á audacia; e quando alguma reacção fugaz do espirito publico surde contra seus desatinos, não trepidão em esconder-se sob o manto imperial descobrindo a coroa e perturbando a placidez da magestade.

Mas uma prova longa de que não existe no Brasil governo pessoal é a guerra do Rio da Prata.

Quando o ministerio de 30 de setembro, sorprendido pela situação grave que se desenhou de repente para a nossa politica internacional teve necessidade de um babil diplomata que dirigisse sobre-o terreno as negociações, a escolha recahiu com espanto geral sobre o conselheiro Paranhos.

Se vossas inspirações se traduzissem na marcha do governo, não collocaríeis de certo na posição inconveniente de missionario de uma politica adversa, a um dos mais reputados estadistas d'esta geração, de quem podíeis muito breve carecer para crear uma nova situação.

Menos ainda haviéis de consentir que o despedissem sem aquella polidez costumada entre pessoas decentes, para substituil-o por um escriptor de talento incontestavel, mas alheio aos homens com quem ia tratar e baldo das provas essenciaes em tão critica emergencia.

O desejo que nutris desde o principio da guerra de vêr á frente dos exercitos brasileiros, nosso primeiro, senão unico general, é de todos conhecido. O ministro da guerra se dirigio ao illustre marquez de Caxias, o qual tão dedicado cidadão, quanto leal soldado, não declinou de si a honrosa, mas ardua commissão.

Chefe politico, nome prestigioso em quem numerosos conservadores vião ainda um symbolo de restauração, olvidou sua elevada posição, como seu repouso, para acudir ao reclamo da patria; e

o fez desinteressado e modesto, sem as exigencias que soem encarecer certas dedicações.

Uma só condição poz elle, e essa em bem da campanha que ia dirigir; a substituição do presidente do Rio Grande do Sul por uma pessoa de sua inteira confiança. Aquella provincia fronteira que devia ser o centro de nossas operações, reclamava uma administração militar, immediatamente sujeita ao general dos exercitos em guerra. Sem essa uniformidade de vistas e unidade de acção, infelizmente raras em nosso paiz, nada se faz de grande e insigne.

Quem o diria?... Apesar do voto de vossa prudencia, que era o da maioria do paiz sem distincções politicas, não foi substituido o presidente do Rio Grande do Sul, porque á potestade que o patrocinava não approuve condescender com essa medida. Prescindio-se então do general, que significava a victoria no campo da honra, pelo orador de quem se esperava o apoio na tribuna do senado. Para preservar da queda seis ministros, quantos brasileiros não perecerão em Paysandú e nos hospitaes, que serão salvos por uma prudente e sabia direcção da campanha!

O generalato brasileiro confiado a um valetudinario, ficou em vergonhosa interinidade, quando as molestias aggravadas obrigáráo o Barão de S. Gabriel a escusar-se. Substituiu-se em vez de um presidente, um ministro, o da guerra; e escolheu-se homem que só tinha mais que o antecessor um merito, o de tornar impossivel o nobre marquez de Caxias.

Correm os tempos. A' falta do illustre general já familiar com o bastão de chefe e respeitado pela victoria das margens do Prata, devemos talvez a inconveniente, igualdade do tratado de alliança. Mas era necessario á voracidade do gabinete de 3 de setembro, mais esse bocado da dignidade nacional.

Emfim realisárão-se as previsões: as rivalidades inveteradas que a influencia do pacificador do Rio Grande em 1845 houvera sopitado, atearão de uma maneira espantosa no momento mesmo em que o inimigo invadia a provincia e calcava o solo da patria.

Destes então, senhor, um exemplo de sublime abnegação, que eu peço a Deos não se repita. Arrancando vosso coração ás sagradas afeições que o prendem, e vossa pessoa á placidez em que a nação a deseja, partistes para o lugar do perigo e da dedicação. Arroastastes as intemperies como o ultimo soldado; e conseguistes ser ainda o primeiro cidadão nas privações como na hierarchia.

Approvesse á vossa sabedoria dominar a situação, e a marcha do governo teria sido outra muito diversa. Dirieis ao chefe do gabinete: — « A situação é a guerra, pois ella commove todo o império. A guerra carece do primeiro general brasileiro em quem o paiz espera e o exercito confia. Se vós, governo, não podeis satisfazer essa indeclinavel exigencia da situação, não sois os homens para ella; é vosso dever retirar-vos! »

E a historia patria não teria de córar registrando tantas humilhações que pungem dolorosamente o amor proprio nacional. A numerosa descendencia dos Fabios não havia de pullular nesses campos fataes onde já em 1826 um general brasileiro, Lecor, grangeou o sardonico titulo de *cunctator secundus*.

Gniados por uma espada acostumada á cegar os louros do Prata, e preservada portanto da fascinação dos primeiros fumos da gloria, nossos bravos soldados marcharão mais prudentes e mais firmes ao combate. Teriamos jornadas heroicas como as do Paysandú, Riachuelo e Cuevas, porém como a de Caseros, menos luctuosas para a patria.

Os scrupulos vos retrahirão, senhor, á expectativa. Nella podeis bem parodiar com relação á vossos ministros o chistoso dito de Felippe de Macedonia: — « Em toda minha vida só achei um general, Parmenião; os athenienses fazem dez cada anno. »

Desenganem-se pois os abusados á respeito do governo pessoal.

Nas paginas em que se desenrolão os ultimos acontecimentos, o que está em relevo é a abstenção da coroa levada a um extremo que talvez exceda da imparcialidade constitucional. Vossa augusta pessoa sómente se destaca, quando trata-se do sacrificio

e abnegação. Então vos debuxaes no primeiro plano, reclamando a parte do leão na fadiga e perigo.

Só appareceis onde vossa presença é necessaria para cobrir as faltas do governo e seus agentes. No Rio-Grande para promover a defeza deleixada por muitos mezes e aplacar dissensões. Em Uruguayana para resguardar o decóro nacional compromettido por grave omissão do tratado de alliança. Na córte para activar a expedição das tropas e trem de campanha ou zelar o bem estar do soldado.

Mas é só dedicação e actividade individual que assim dispensaes prodigamente; a magestade se envolve na magnanima condura que releva a negligencia e o erro.

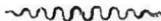
Esta é a verdade.

Nem pretextos offerceis, como vosso pae, á malevolencia. Alguns amigos que vos cercão, caprichaste sempre em os ter arredados da politica, reservando-os para as diversões do espirito.

O bando dos *King's friends*, satellites infalliveis do governo pessoal, não é de vosso reinado.

9° de dezembro.

Erasm.



V

As crises, senhor, são acompanhadas de excentricidades.

Emquanto vos esquivaes á politica, a nação desabusada dos homens que a governão, vos reclama e solicita com abundancias de coração.

Não sou um discipulo de Damocles, nem de Machiavel. Para fallar-vos a linguagem nojosa do cortezão ou encarecer a hypocrisia do absolutismo, não arrostára eu por certo, a furia de odios accesos e famulentas cobiças.

Esta voz dura que irriça as torpezas e immoralidades da época, logo se denuncia pela rispidez; não tem a insinuante doçura da lisonja nem a astucia da dissimulação. É voz de homem livre.

Ella póde repetir as severas palavras do velho Chatam no parlamento inglez: — « O momento é perigoso e tremendo; o tempo não está para a adulação. As blandicias da lisonja não podem salvar-nos nesta crise terrivel e solemne. Cumpre habituar a coróa á linguagem da verdade. »

Mas sempre se interpõe entre o throno e a nação uma gente ambigua, que vive ao mesmo tempo das graças do poder, e da tolerancia do povo. Seu interesse é irritar ambos, um contra o outro, para os enfraquecer e melhor dominar. Por isso, quando na imminencia do perigo, os liberaes sinceros se empenhão em estreitar a alliança do monarcha com a opinião, a gente bifronte se alvorota.

Pleiteio contra essa improvisada aristocracia da immoralidade o livre exercicio dos direitos do povo e dos direitos da realza, que são as molas do systema representativo. E' natural pois que simultaneamente me denunciem, á vós, senhor, como anarchisador; á plebe como absolutista.

Não importa; basta que vossa attenção e os votos dos homens de bem me acompanhem.

Ainda não chegou o ensejo de discutir perante vosso prudente alvitre as transcendentales questões da politica, e ós meios efficazes de fazer da constituição uma realidade.

Estou desenhando o aleijão d'esta actualidade; quero pôr ante vossos olhos sua esqualida nudez, com o risco mesmo de molestar o pudor da magestade. Não vos falta a coragem moral para encarar de frente os males do paiz.

Uma deformidade sensível da época, senhor, é este anhelô com que a nação vos está provocando a assumir o governo pleno do estado!

E' improprio de um estado livre, mas a evidencia do facto se patentêa. Por todos os póros rompe a effusão do paiz que se abandona e confia exclusivamente da lealdade e criterio de seu monarcha.

Este povo apathico e indifferente ás mais nobres funcções da soberania, ainda sente por vossa pessoa sinceros transportes. Não sereis sua fé unica; porém com certeza sois o estimulo das outras raras e sopitadas; o estandarte capaz de nestes tempos inertes levantar enthusiasmos em prol de uma causa.

Quereis exemplos?

Em 30 de março de 1862 inaugurou-se a estatua equestre do fundador do imperio. A democracia protestou contra o monumento da gratidão nacional pela voz dos mesmos tribunos que cerca de anno antes arrastavão á eleição as massas electrizadas. Pois o povo correu pressuroso a saudar o desmentido de bronze, associando-se com fervor ao vosso jubilo filial e patriotico.

Nos primeiros dias de 1863 as represalias inglezas assaltarão de indignação o paiz. O ministro que havia descurado a questão em principio acabou compromettendo a honra nacional. Mas vosso busto foi erigido ante a opinião. De todos os pontos rompem felicitações por um facto que se devêra sellar com o altivo silencio da dignidade martyr.

A aura que bafejou a liga em sua nascença, não foi a exponente e livre expansão do espirito publico em favor de uma idéa; mas sómente um influxo do prestigio imperial. Lastrou a crença de que vosso tedio pelos conservadores já não se recatava; a atoarda ganhou vulto depois da questão ingleza, com o pretexto de vos terem abandonado as notabilidades do partido. A opinião empe-

nhou-se em satisfazer vosso pretenso desejo de aproximar os liberaes do throno.

O gabinete de 15 de janeiro provocou aturdido o rompimento com o Estado do Uruguay; foi apcado do poder quando a coherencia exigia que desenvolvesse sua nova politica internacional; succedeu-lhe o gabinete de 31 de agosto, que não estava na altura da situação. O paiz enojado de tanta miseria, das infantilidades da liga, como de seus escarneos ministeriaes, amou-se. Propala-se porém que a guerra é idéa vossa; as levas surgem, e o povo ani-ma-se com alguns lampejos de enthusiasmo.

Annunciaes de repente voŝsa partida para o Rio-Grande do Sul. O desgosto pela má direcção da guerra; as tristes preoccupações deixadas pelas difficuldades da ultima organização ministerial; os novos receios trazidos com a noticia da invasão da outra frenteira do imperio; e até o perigo de vossa ausencia da córte em tão grave emergencia; tudo disfarça o povo. Vistes como se agglomerou em vossa passagem á hora da despedida e da volta.

A desconsolada noticia da rendição de Uruguayana entrou a barra ao som do canhão. A população magoada com o triste des-enlace, recalcou seu justo resentimento, porque lá estivestes presente, senhor; e ella temeu desgostar-vos lamentando o malbarato dos brios nacionaes. Seu respeito foi a ponto de receber como hospede illustre o estolido barbaro que vilmente nos insultára.

Onde quer que brilhe o reflexo de vossa luz, a opinião como o insecto nocturno attrahido pela flamma, vóa a adejar em torno, umas vezes para beber raios de esperanza, outras infelizmente para queimar as azas.

Nem é somente nas manifestações solemnes que se traduz esse geral sentimento dos brasileiros; diariamente se revela por uma serie de incidentes e circumstancias exiguas. Destacados não terão significação esses factos minimos; porém multiplos e continuos compõem a fiel expressão do animo publico.

Desde certo tempo os jornaes attendem com exeesivo zelo ás vossas menores acções. Durante a questão ingleza se editá-

rão minucias de vossa pessoa, duplamente nocivas; de um lado vos apresentavão ao estrangeiro desornado d'aquella gravidade que é uma insignia da realleza; de outro fazião alardo da fascinação de uma cidade livre por essas lantejoulas da côrte.

Na parte não editorial, são frequentes os artigos pagos com endereço á vossa augusta pessoa. Contém elles queixas de individuos de todas as classes sobre minudencias do expediente de empregados subalternos! Appellão os subditos para vossa autoridade, á qual parecem ter devolvido toda confiança e todo poder.

A litteratura e artes desenhão tambem uma face da vida historica dos povos. Raros livros vinhão á lume ou trabalhos se executavão, que não fossem postos sob vossa invocação. Como Luiz XIV, Frederico II, e Napoleão I, entraes agora no periodo heroico, que prepara o mythologismo.

Esses grandes monarchas porém revião-se no palco sob um nome pagão, vendados pela allusão e fraldados da clamyde grega ou toga romana. Para vós o poema, o romance e o drama antecipão a posteridade e preludião ja a apotheose.

Não franqueaes os paços imperiaes ao aulismo, nem o nutris com as festas da côrte; é natural que elle se derrame pela cidade.

Ha, senhor, nesse pronunciamiento que brota a cada canto uma demazia que degenera em lisonja e frisa com o ridiculo. Mas não convém escarnecer d'estes desvios, e sómente corrigil-os. Todo o entusiasmo do povo é generoso; e neste dos brasileiros por seu imperador, parece que estão realmente concentradas durante a crise as forças vivas da nação.

Ai de nós se partem essa fibra da patria; a convulsão sobrevirá terrivel e instantanea.

Nas camadas superiores da sociedade onde a luz penetra mais clara, o sentimento de adhesão á vossa pessoa não obstante se condensa. A gente sensata, vendo á cada instante se aluirem em torno os nomes de sua fé, e se derrocarem as melhores reputações como as idéas mais sans, apenas enxerga no seu horizonte

pura e sobranceira vossa effigie. Para ella naturalmente convergem todas as esperanças dos bons.

Os mesmos varões fortes que de longe gritão contra o imperialismo e vos attribuem exclusivamente os males da actualidade... Algum será sincero; do geral quereis provar a tempera á sua independência?

Aproximae-os do throno. Mais de uma vez já vistes as ambições encouraçadas dos demagogos que empunhárão a acha popular contra a tyrannia, abaterem as furias ante vossa magnanimidade. Se lhe estendeis a mão benevola, ellas se agachão para beijar a cauda do manto imperial.

Quando vos accusão, esquecem o passado alheio e não presentem o proprio futuro!

Já tive occasião de fallar-vos do parlamento. Passou á axioma ali que a camara não póde repellir preliminarmente um ministerio organizado em desprezo della porque esse voto seria um desacato á corôa!

Assim tortura-se o bom senso e incorre-se no escarneo publico para disfarçar com a mascara do principio a depravação de uma instituição politica.

E' tambem notorio que as maiorias parlamentares já não se fazem pelas convicções e sim pela senha de que os ministros se dizem portadores. Os grupos se agglomerão e se dispersão como a areia ao sopro da brisa que venta de S. Christovão, mas pela boca dos colos fardados.

Qualquer ministro que se apresente com um decreto de aposentadoria de magistrados ou uma doação de alguns mil contos á companhia estrangeira obtem grande successo, se tiver a segurança e arte que exige o desempenho do papel. Mal percebão porém que o visir não traz como inculca o anel e o cordão, o despedem com descortezia.

Emfim, senhor, bem vistes.

A camara de 1863 onde tinhão assento sectarios de todas as opiniões, até do odio ao governo pessoal, foi em corporação felici-

tar-vos por vossa energia durante o conflicto inglez. Com esse voto reconheceu na corôa uma competencia administrativa; e de legisladora desceu a corteza!

Jorge III, a quem accusão, como a vós, de ingerir-se no governo, abrindo o primeiro parlamento felicitou seu ministerio pela boa direcção que dera á guerra americana; o parlamento respondeu á felicitação do rei com uma opposição energica.

A camara de 1865, quando lhe annunciárão vossa immutavel resolução de partir para o Rio-Grande, encheu-se de enthusiasmo e tambem votou ovações. Até ali era costume alliciar-se o parlamento com a miragem da corôa. Nessa occasião a deslumbravão com o apparato de vossa vontade inflexivel. Não tarda que a dispersem por um recado arrogante, se não houver ali uma sombra de Mirabeau para o repellir com sangrenta ironia.

Nestas linhas do parlamento estão em relevo os ministerios.

Sem apoio no paiz e auxilio de partidos, os gabinetes só vivem e se nutrem da confiança imperial. O instincto da conservação os impelle a fortalecer-se nella contra as opposições que vai levantando em sua marcha.

O organisador cata algum nome, que possa insinuar a idéa de ser a combinação feitura vossa; depois cada ministro excogita um acto, pelo qual mais se estreite com o throno. Assim gera-se a crença do governo pessoal; d'ella resulta para o poder uma força immensa.

Vossos escrupulos a poupão; quando muito aproveitaes migalhas. Mas o gabinete omnipotente a esbanja com prodigalidade.

Senhor! A constituição vos fez sagrado e inviolavel; a corrupção d'esta época elimina o salutar principio, e vos responsabilisa ante a nação e a historia pelos desvarios de vossos ministros!

A nação vos ama; mas a historia vos julgara com severidade.

E havia o subdito amigo que vos respeita, encerrar-se em tímido silencio, deixando com o tempo se accumular sobre vosso reinado este Ilmo?

Affija-vos embora a verdade; eu devo proclamal-a contra vossos escrupulos.

Sim, senhor! Uma generosa reserva tolhe á magestade a plenitude das attribuições supremas que a nação lhe confiou. Muitas vezes pela absorpção de exiguas parcelas do executivo, cahe em esteril repouso o alto principio que é o balanceador de todo o systema.

E o povo que sente o máo estar da actualidade, fatigado de decepções atira-se para o monarcha. A democracia saúda no throno seu chefe, os tribunos vestem toga e pedem o consulado.

Lá apparece de tempos em tempos um opusculo renovando a accusação da omnipotencia imperial. Mas o que seria esse grito descompassado senão uma denuncia da vergonhosa impotencia dos ministros e das camaras para resistir á corôa si ella acaso exorbitasse.

Emfim quereis a ultima e a mais cabal das provas?

Eil-a: é a prova negativa, que não falha. Todas as vezes que se tente conhecer o ponto culminante da opinião, o meio certo é collocar-se na opposição que necessariamente e sempre existe: o alvo dos maiores rancores adversos, idéa ou homem, é o eimo da opinião, sua face preponderante.

Que se nota na actualidade?... Quem deseje levar de arrasto apoz si, como a cauda de um cometa, toda essa alluvião de atomos inflammados que fluctuão na opposição, não carece nem da idéa superior, nem do verbo eloquente: basta enristar a palavra vulgar mas audaz contra o throno. A chusma o acompanha.

Só ha nesta quadra dois caminhos para a popularidade; a audacia ou a lisonja: atacar ou rojar. A verdade transita corrida e apedrejada entre os cegos amigos insaciaveis de louvores, e os fofos demagogos que á semelhança dos camelões, mudão de cõr á cada ambição.

Austera lição porém inflinge á esses delirios vossa attitude nobre.

Quando o brilho da magestade e os esplendores da realza fascinação por tal forma todos os que levantão os olhos para o throno,

vós, senhor, collocado no fóco da irradiação, no seio mesmo da pompa imperial, permaneceis calmo; e respeitaes o somno do povo!

Forte é a tempera da virtude que repelle as instantes provocações do poder. Sob a purpura imperial palpita em vosso peito um desinteresse de Cincinato e Washington!

Mas, senhor, ha virtudes que não o são para os reis; a abnegação é uma. Lembrae-vos que vossa mão escreveu estas palavras sentenciosas — *a sujeição do sceptro*.

O throno que a nação vos confiou é um posto de honra. Deveis a Deos e ao povo sua guarda severa. Não podeis esquivar-vos á ella sob pena de deserção.

Sois um brioso soldado da Providencia; não faltareis na grande batalha da liberdade que está imminente e vai decidir da sorte do vosso povo.

A summa questão da actualidade é esta, da vigorosa iniciativa que deveis tomar em prol da constituição; nella está a chave de todas as outras tendentes á realidade do systema e restauração do paiz.

O tempo das theorias passou; as necessidades publicas estão salientes; as reformas se descarnão de si mesmas e patentêo ao menor exame. O que falta é sómente a força para cavar e leito ás idéas atravez da corrupção e indolencia da actualidade.

Essa força porém ha de produzir-se dentro do termo fatal. Ou desça do throno, ou suba da vasa, a revolução se ha de consumir. Do alto de onde todos a desejão virá gradual, lenta e benéfica; de baixo quem pôde calcular os impetos da convulsão?

Vosso pai fez para o povo brasileiro uma constituição liberal; fazei vós com essa constituição um povo livre. E vossa gloria será maior.

20 de dezembro.

Erasmio.

VI

Senhor.

A situação está patente á vossa rasão illustrada.

Vistes primeiro sua mascara, exprimindo ás vezes uma indifferença extrema, outras um desanimo atterrador: symptomas da atonia popular, que presagia grandes desastres, se não fôr combatida com vigor.

Penetrando depois no amago da actualidade, conhecestes a natureza do mal, que ha dez annos aggravou-se. É a depravação do organismo politico, de que resultou o amortecimento das crenças, a extinção dos partidos, e a corrupção espantosa tanto do poder como da opinião,

Observastes que a recrudescencia do mal sopitando o espirito publico tornou devoluta a grande massa de soberania que reside no povo. Esta força tem-n'a esbanjado os corrilhos ministeriaes á sombra da corôa e com a responsabilidade moral de vosso nome.

Finalmente sentistes no coração da crise o signal mais significativo do abastardeamento do systema representativo no Brasil; o afan com que a nação desenganada das seitas e dos homens, se confia só de vossa prudencia e virtudes.

Qual é porém a causa originaria do mal que assola o paiz?

Nenhum estudo me parece mais digno de vossa attenção neste momento decisivo e culminante da crise.

Os symptomaticos publicistas que não passam da superficie, ou quando muito da cutis das questões, andão a tactear causas em qualquer phenomeno real ou apparente que lhes fere os olhos. Para uns é a omnipotencia da corôa, para outros é o falseamento do systema eleitoral. Cada pensador assignala um motivo e com elle o correctivo infallivel.

A causa radical do marasmo em que se acha o paiz está bem saliente; facilmente se acompanha na historia do imperio seu rastro assolador. Para fazer d'ella evidencias, basta designal-a.

É a falta de educação politica.

A monarchia representativa, de todos os systemas de governo

o mais difficil e complicado, exige em maior gráo que outro qualquer, comprehendida a propria democracia, um povo activo e illustrado, pratico na escola da liberdade, fortalecido por convicções robustas, e animado do espirito do trabalho.

A razão é obvia.

Na republica toda reputação, influencia ou poder não só nasce do povo, mas conserva sempre sua base no povo; e o cimo nunca plania sobranceiro á opinião. A omnipotencia da maioria em um periodo mais ou menos longo, abate as popularidades gastas, erige novas, e inverte aquella crosta superior que se vai formando sobre as massas.

O povo não luta pois na republica senão consigo mesmo, com as paixões proprias, que os tribunos costumão explorar em proveito seu e detrimento da patria. Grecia e Roma forão republicanas; mas o governo mixto que Tacito e Cicero declararão impossivel na antiguidade, só pôde realizar-se com o influxo da civilização moderna.

Na monarchia representativa, alem da realeza, principio hereditario e permanente, ha o elemento aristocratico, infallivel nessa fórma de governo. Nos paizes de origem moderna como o nosso apenas restão do feudalismo, umas velleidades caducas e fofas de nobreza genealogica; mas com o tempo se vai formando uma classe superior pela illustração, riqueza e posição independente: é a aristocracia burgueza das monarchias representativas, com a qual a propria laudocracia ingleza apesar de seu orgulho já foi obrigada a transigir.

Nesta fórma de governo portanto o povo tem de lutar alternadamente com a realeza, cuja tendencia unitaria e absorvente é natural, ainda mesmo nos principes liberaes; e com a burguezia aristocratica, compacta pelo espirito de classe e apoiada nos cargos vitalicios, nos cabedaes creados pela industria, nas clientelas de numerosos pretendentes.

É necessario já muita força para que a democracia resista á pressão da classe superior, que dispõe de todos os meios de influencia. Se porém a sympathia ou tolerancia da coroa insufla

esse elemento elle acaba subjugando o povo á sombra da realza e ameaçando a coroa com o espectro da revolução.

Governa então a peor tyrannia, de que falla Montesquieu: — «aquella que se exerce á sombra da lei».

Só um povo doutrinado na escola do patriotismo e habil no manejo da soberania pode arrostar a influencia perniciosa, reivindicando pelos meios legais a sua autonomia, e restabelecendo o imperio da constituição e da moral.

Está o povo brasileiro neste caso?

Não, senhor. Este povo nobre e digno das instituições que o regem; este povo, precoce para a liberdade, pois ainda na infancia colonial já se electrificava com ella; não foi educado, como merecia, para a monarchia representativa que aliás adoptou de coração.

Recaia a culpa sobre aquelles que podião dirigil-o e não souberão, ou não quizerão.

Em 1821 a independencia se fez no entusiasmo da liberdade. O Brasil conquistou simultaneamente o governo dos brasileiros pelos brasileiros, e o governo do povo pelo povo.

Desde 1808 com a vinda do rei e a invasão de Portugal a emigração da metropole para a colonia fôra muito crêscida; havia pois ao lado da população nata uma população adventicia, mas já ligada á outra por identidade de lingua, laços de sangue e relações domesticas.

Com a independencia não era possivel refundir de repente nem expellir essa colonia. Ella permaneceu no paiz, á sombra das instituições, offerecendo uma base natural a qualquer idéa de opposição, que por ventura surgisse. D. Pedro I, que tinha o peccado original de seu nascimento além mar, devia muitas vezes injustamente carregar com a responsabilidade d'essa resistenciã, na qualidade de seu chefe nato.

Os partidos no Brasil se gerarão d'esse antagonismo de nacionalidades; ser liberal significava ser brasileiro; do mesmo modo que ser portuguez ou alliado dos portuguezes, valia tanto como absolutista. A revolução de 1831, que trouxe a abdicção, foi como a consagração da independencia; ali a monarchia completou sua metamorphose e fez-se brasileira em vossa pessoa, senhor.

Mas enquanto viveu vosso pae, ainda o antagonismo de origem preponderou francamente. Com sua morte se desvanecem os receios de que a velha nacionalidade portugueza absorva o recente imperio americano. O partido da independencia, que era todo o paiz liberal, divide-se.

Ahi acabão os partidos patrios e nacionaes; e começam os partidos politicos.

Nota-se por esse tempo um periodo de actividade que durou desde 1827 até á reforma constitucional de 1834. A imprensa se desenvolve; os patriotas procurão instruir o povo nas maximas da liberdade. Essa ephemera animação passou.

Os partidos logo se tornão estereis; algumas idéas que surgem só tem em vista a conquista ou a mantença do poder. Não obstante o povo se interessa na luta, porque ainda o estimula, embora sob uma forma latente, o antagonismo de origem.

A emigração portugueza continuava. Influencia do clima ou espirito aventureiro que se desenvolve no emigrante, a actividade d'esses hospedes os collocava logo em posição avantajada no commercio e industria. O partido conservador que absorvêra os restos da facção absolutista, em geral attrahia á si essa colonia, que nelle encontrava filiações de raça.

Era do commercio portuguez e adherencias que o partido conservador tirava principalmente sua força e os recursos com que sustentava a luta. Por isso tambem sempre que o partido liberal exasperado em sua pobreza, agitava o facho da revolta, o primeiro grito que se ouvia era contra o lusitanismo.

Tão intimo era esse ciúme patrio, que ainda em 1848, vinte seis annos depois da independencia, produzio elle em Pernambuco scenas deploraveis; e mais modernamente fez hastear na tribuna como um programma politico a idéa tacanha da nacionalisação do commercio.

Mas, senhor, por mais forte que fosse a tempera de semelhante antagonismo, elle havia de gastar-se com o tempo. O commercio nacional desenvolveu-se; grande parte da emigração por-

tugueza refundio-se na população nata; estrangeiros de outras nacionalidades concorrerão em grande escala; e finalmente os costumes se limarão, os receios se desvanecerão.

A lei da raça predominou, logo que o odio da familia se extinguiu.

Sendo essa aversão de origem a mola real com que os partidos governavão a opinião, gasta ella, sentirão os chefes a sua impotencia.

Por outro lado algumas raras idéas governamentaes que os politicos haviam lançado em circulação, forão motivo de amargas decepções. O partido conservador servia-se da industria para subir; e no poder, longe de proteger as duas principaes industrias do paiz, o commercio e a agricultura, as opprimia com direitos protectores de fabricas e manufacturas não existentes nem sonhadas no paiz.

O partido liberal depois de ter feito da regencia que o paiz lhe confiara um juguete, trahindo o voto nacional; excita em 1842 o povo á resistencia, para de novo trah'lo governando de 1845 a 1848 com a lei de 3 de dezembro, causa da revolução de Minas.

A estupfacção e desgosto da nação attingio o ultimo grão, quando de 1853 em diante ella vio homens dos diversos partidos que a tinham dilacerado, a abandonarem, conciliando-se para mais commoda e suavemente explorar as graças do poder.

O voto, que era a expressão da idéa, tornou-se para os ambiciosos um tento no jogo politico. O povo então achou natural vender a sua mercadoria.

Bem vêdes, senhor, em vez de educarem o paiz na liberdade; incutir-lhe os costumes e habitos do governo representativo; desenvolver a imprensa pondo-a ao alcance de todos; instituir os comicios e leituras publicas; não se fez até agora senão dissipar o tempo e a riqueza nacional para exagerar o elemento aristocratico e corrompel-o.

O que é a nossa actual aristocracia?

Composta em geral de duas classes de pessoas, os abastados de intelligencia e escassos de cabedaes, e os ricos de haveres mas pobres de illustração; raros, hem raros são os que tem a força de se conser-

var em sua orbita. Aquelles, urgidos pela seducção do luxo e mesmo pela necessidade, buscão nos altos empregos publicos e elevadas posições uma renda, ou as facilidades de alianças e estabelecimentos avantajados. Estes, pruridos pela vaidade, se offerecem aos desejos dos primeiros em compensação de graças e consideração.

Ha, senhor, caracteres integros nesta classe; ha talentos pobres, e riquezas modestas. Desgraçados de nós se não houvessem; mas infelizmente são poucos; e os outros tem o cuidado de os deixar na sombra.

O mais profundo publicista inglez escreveu uma pagina que parece traçada sobre a nossa actualidade politica:

« Se toda a elaboração da sociedade que exige uma organisação concertada, vistas largas e comprehensivas estivesse em poder do estado; e todos os empregos do governo fossem occupados pelos homens mais capazes, toda a cultura do espirito e intelligencia exercida do paiz, seria concentrada em uma numerosa empregocracia; d'esta empregocracia o resto da communhão esperaria tudo, a direcção e impulsão para as massas, o accesso para os homens intelligentes e ambiciosos. » (*Stuart Mill. On liberty.*)

Para dar o ultimo toque á esse esboço fiel observarei que a hereditariedade se não tem força de lei, goza do vigor do costume. Os noímes da geração passada que figurarão na politica, são titulos bastantes para o ministerio.

Em tal situação qual é o remedio energico para o mal?

Os utopistas que afagão um ou outro pensamento bonito, bebido no ultimo livro folheado, fallão em eleição directa, descentralisação, reforma judiciaria, e muitas outras idéas sem duvida aproveitaveis; mas não se lembrão dos meios de realisar a reforma.

Se a reforma é sincera, lealmente democratica, e efficaz bastante para restituir o povo brasileiro ao exercicio pleno de seus poderes; por certo que a empregocracia que tudo domina se ha de oppór vigorosamente.

Consultai a pagina da obra que citei e vos é conhecida. Em seguida diz o illustre publicista que o mundo exterior não é ca-

paz de criticar ou moderar a acção da empregocracia; e nenhuma reforma se effectuará contra os interesses d'essa classe poderosa. Ella exerce um veto tacito sobre as leis, não as executando: o veto da inercia.

Não podia Stuart Mill escrever melhor se houvera observado a nossa sociedade. Contra a vontade da aristocracia official não tem o povo força para realizar uma reforma. Prescinda-se embora do mandato especial, quem ha de votar na legislatura ordinaria senão a parte mais interessada da aristocracia, o parlamento? E quem hade fazer e desfazer os votantes senão os agentes dessa aristocracia nas arbitrarias qualificações?

Mas eu dou já como certo que o povo se anime e queira a reforma; entretanto que nas condições presentes o problema mais difficil é arrancar da inercia e torpor o espirito publico, inoculando-lhe novos estímulos politicos, já que os antigos se annihilarão.

Para despertar do egoismo as unidades esparsas; crear nellas dedicações; unir essas individualidades em massa compacta que transmita ás outras o enthusiamo da idéa, só existe um meio; a imprensa.

A tribuna, onde quer que a levantem, no parlamento ou na praça publica, não vale sem os échos poderosos e as formidaveis repercussões da imprensa. Outr'ora o orador que subia ao *bema* em Athenas ou ao *rostrum* em Roma tinha certeza de ver no auditorio um povo; actualmente os costumes e leis sociaes são outras; os comicios não se improvisão, nem se levão a effeito sem o meio indispensavel da publicidade.

A imprensa, bem o sabeis, senhor, é um luxo entre nós; as leis fiscaes a fizeram tal. O povo é pobre e não póde pagal-a. Alguns periodicos apparecem com sacrificios enormes, que vegetão em estreito circulo e afinal acabão inanidos.

As folhas diarias de grande formato e circulação, essas constituem o feudalismo da publicidade. Suas columnas abertas á concurrencia mal chegão para os abastados: a emissão das idéas ali

importa uma despeza não só de intelligência e estudo, mas de grosso cabedal.

Esta observação não depõe contra o caracter honesto e rectas intenções das pessoas que dirigem no Brasil a imprensa diaria; antes revela seu criterio e moderação no uso de uma força que levemente manejada podia causar males incalculaveis.

Mas não é rasoavel esperar d'essa imprensa, que tem suas raizes como suas ramificações na aristocracia burgueza, que ella se empenhe em prol de uma reforma tendente a derrocar a omnipotencia da classe superior, e restituir á realza e á democracia os seus direitos usurpaços.

De modo algum. Qualquer reforma que se opere nas actuaes circumstancias será um engodo. A empregocracia para applacar alguns assomos de impaciencia, concederá uma lei de apparatus como em 1856 e 1860; mas na execução sua inercia ha de pôr o veto. Os deputados por eleição directa ou indirecta sahirão do mesmo circulo e sempre filhos da fraude e venalidade.

O unico meio efficaz de salvar o paiz, senhor, é a união firme dos homens de bem, de que sois o chefe legitimo, contra a immoralidade. É a alliança sincera da realza com a democracia, para regenerar o elemento aristocratico, restringindo sua influencia perniciosa, e inoculando-lhe novos brios e estimulos que o preservem da corrupção.

Se na actual aristocracia alguns caracteres estão irremediavelmente perdidos, em compensação outrôs de rija tempera se conservão puros; e na maxima parte a eiva felizmente não passou da superficie. Mas a corrupção lavra com velocidade; se não fór debelada quanto antes, ninguem pode avaliar seus estragos.

O que ella não contaminar, arrojará para fóra da politica.

O mal urge, senhor. Esta crise é d'aquellas cousas das quaes se disse que o silencio é clamor. *Dum tacent clamant.*

25 de dezembro.

Erasm.

VII

Senhor,

Sentida a urgencia indeclinavel de vossa iniciativa, como o unico meio efficaz e prudente de tirar o paiz da estagnação em que ha annos se debate, cumpre estudar o modo pratico por que essa revolução pacifica se póde consummar dentro dos rigorosos limites da constituição.

Esse estudo abrange a importante questão do systema segundo o qual deve funcionar a coroa na monarchia representativa.

Não é proposito meu instaurar aqui uma controversia escolastica a respeito d'essa these eminente do direito publico. Quanto pudesse eu catar nos livros de melhor nota e adduzir de meu proprio raciocinio, acredito que vos é trivial.

Deixo de parte a sedicã erudição. Algumas considerações succintas que desejo submeter-vos, desprendem-se das theorias e assentão sobre a pratica e experiencia.

Tem muita voga entre os homens politicos a conceituosa antithese das palavras *reinar* e *governar*, como o mais perfeito contraste da porção de poder que vos compete em relação ao ministerio. Nenhum cabedal faço d'essa maxima, invento de um povo que se adstringe muitó ás palavras e pouco penetra no amago das cousas.

Minha convicção a respeito da funcção da coroa é nas conclusões identica ao axioma do *rei reina e não governa*; mas prefiro bebel-a na lição fecunda do povo mestre em sciencia governamental, inventor do systema representativo e seu modelo.

A constituição brasileira confere ao imperador o título apenas de chefe do poder executivo; e para não deixar que pairasse duvida sobre o sentido obvio da qualificação meramente honorifica advertio que exercitaria esse poder por meio de seus ministros.

Colocado na cupola do systema, investido de attribuições magesticas sobre todos os poderes, o monarcha brasileiro é nessa qualidade de alto moderador o chefe natural não só do execu-

tivo, como tambem do judiciario. Em relação á este ultimo a constituição não o declarou expressamente; mas seu espirito é tão claro que em todos os tribunaes as sentenças são expedidas em nome do imperador.

Em Inglaterra o rei é qualificado de fonte da justiça, *fountain of justice*; e por isso não se arroga a minima fracção do direito de julgar, confiado aos magistrados que o exercem em seu nome. E' um titulo de honra, attributo da magestade, como a nossa phrase constitucional *chefe do poder-executivo*.

Nenhum voto portanto compete ao monarcha a respeito do exercicio das attribuições meramente executivas; nem mesmo o voto de qualidade, aliás impossivel á vista da maneira peculiar da organização do ministerio.

Ha differença profunda entre os corpos deliberantes e os corpos executores. Nos primeiros a fracção vencida se isola da maioria e não participa da responsabilidade em que por ventura incorra o voto ou conselho. Nos segundos a opinião dominante absorve as dissidentes; a solidariedade prende quantos presidão á execução do acto.

O ministerio é de todos os corpos executores o que mais obedece á esta regra; os publicistas inglezes costumão dizer que o gabinete é um só homem — *one man*. Nessa opinião compacta e unanime que fórma a resolução ministerial, não ha intersticios por onde a vontade do imperador penetre. É um todo indivisivel que se destruiria fraccionando-se.

O conselho de ministros em Inglaterra é secreto; o rei não assiste á elles. « Costume altamente benefico, diz *Lord Grey, Gov. parlamentar*, que data do tempo de Jorge 1º ». No Brasil os ministros fazem apenas entre si umas conferencias preliminares e celebrão depois em vossa presença o conselho. Ahi renovão as anteriores divergencias individuaes, sollicitando vosso apoio ou pelo menos resistencia contra a maioria.

Comprehendeis a inconveniencia de semelhante proceder e a excellencia da praxe ingleza.

Os ministros podem levar para o conselho varios e encontrados alvitres a respeito de uma questão importante. Na discussão os argumentos são desenvolvidos, ponderadas as objecções. Afinal succede que dos retalhos das convicções, por mutua concessão, constroem uma opinião media, que não sendo de nenhum ministro individualmente, seja a do ministerio.

Se vosso olhar, senhor, devassasse o segredo d'essa mutua abnegação, a solidariedade se despedaçara; esses homens descerão por força em vosso conceito. Podieis discriminar os vencidos dos vencedores, os condescendentes dos convictos. Desde esse momento estava o ministerio moralmente decahido; sua permanencia no poder seria um máo exemplo.

A verdade do systema representativo, e a dignidade dos caracteres exigem o segredo impenetravel do conselho de ministros. Aquelle membro que o trahir, ainda mesmo com o monarcha, deve ser immediatamente arredado, por haver rompido a solidariedade que é o principio de cohesão d'esse corpo.

As resoluções do gabinete são apresentadas á coroa quando carecem de sua assignatura. Em Inglaterra costuma o rei, quando julga conveniente, ouvir seu conselho privado, que está fóra da politica e tem por fim unicamente esclarecel-o. É como um livro de sabedoria e experiencia nacional.

Cabendo ao monarcha o direito inconcusso de recusar sua assignatura ao acto proposto pelo ministerio, pode-se induzir d'ahi argumentando do maior para o menor, a legitimidade de sua ingerencia na resolução do conselho de ministros, durante a de-liberação.

Cumprе meditar bem este ponto.

Se o imperador podesse revogar a proposição ministerial por uma especie de recurso ou appello obrigatorio, o argumento gradativo fora procedente. Mas tal não ha. O imperador não annulla o acto do ministerio; apenas impede a sua realisação. Como poder moderador demitte o gabinete; mas não revoga a medida as-sentada em conselho.

O principio exacto é este. A coroa é depositaria de uma simples formula, mas essencial para o cumprimento do acto executivo. Tal fórma lhe dá um direito de resistencia, semelhante ao que se estabelece entre diversos poderes independentes, e é condição do equilibrio constitucional.

Recusando sua assignatura, o imperador perturba o livre exercicio do poder executivo confiado ao ministerio. Immediatamente se estabelece o conflicto. Se o gabinete entende que sua politica, a lealdade ao partido e fidelidade ás idéas, não soffrem; é dever de prudencia e acatamento á magestade condescender com seus escrúpulos. Então se desvanece o choque.

Quando porém o gabinete entenda que não pôde prescindir do acto, a dignidade de homens e sinceridade de politicos exigem que incontinentemente deem, e não peçam, sua demissão respeitosa. Uma hora mais que permaneçam no poder deve ser contada por annos que expiem no esquecimento sua supposta fraqueza.

Subsistindo o conflicto, a solução d'elle devolve-se ao poder moderador. Encerra-se pois nesta orbita a função constitucional da coroa em relação ao poder executivo.

Não é fora de propósito advertir a razão porque a nossa constituição de accordo com o direito publico, separando o poder ministerial do imperador, deixou-o contudo preso por essa formula da assignatura e esse titulo de chefe. A' primeira vista parecia mais curial que destacasse inteiramente os dois poderes executivo e moderador como propoz B. Constant.

A razão é obvia. O poder executivo pela sua natureza exige antes do acto, certa reserva, e depois tal firmeza, que o poder moderador incumbido de velar sobre sua marcha, não poderia esbarral-a em tempo de evitar o perigo. É para que o poder moderador acompanhe de perto a trilha da administração e observe seus rumos, que elle foi instituido chefe titular do executivo.

Longe de ser hostile á pessoa do monarcha, esta sã doutrina é a mais propicia ao seu poder e grandeza. Desprendendo-a do

de tal inferior das attribuições executivas, eleva-se a coroa ao apogeo de sua força.

Ponderae somente este ponto, senhor. Nada é mais possível, do que se esvaivar e corromper a opinião de um paiz; exaltando em vez dos excellentes, os caracteres d'obres e perversos. Deve o monarcha participar com taes homens do uso de uma autoridade que elles profanão?

Em Inglaterra podem ser ministros do rei seus proprios inimigos, como era Canning de Jorge III, sem desgosto da magestade que se não associa ao gabinete, e sem quebra de dignidade por parte do estadista, que não faz á ambição o sacrificio das convicções.

No Brasil, ao contrario, dizem que as maiores notabilidades de ambos os partidos, não sómente se retiravão do poder, mas desquitavão-se d'elle; e a recusa que em 1858 varios estadistas fizerão de organizar o gabinete, confirmou o boato.

Que absorvieis da administração? Um simulacro apenas, mas bastante para magoar o amor proprio, que tem a cutis por demais susceptivel.

Não é pois do poder executivo, senhor, que deveis tirar a força para debellar a crise; esse poder não vos compete. A minima fracção d'elle, que a tibieza dos ministros vos obriga á exercitar, em vez de robustecer, ao contrario amesquinha e debilita a magestade.

E' esta uma verdade incontestavel. Desde que o monarcha desce um só grão da cupola eminente onde a nação o collocou, elle confunde-se com o turbilhão que reina nos espaços attingidos pela ambição. Os ministros transformados em cegos instrumentos, longe de guardar a coroa, servirão sómente para macular-lhe o prestigio; a opinião a fará moralmente responsavel por quanto desvario e culpa se praticar á sombra do poder.

D'essa sentença inexhoravel, não vos absolveria, senhor, nem a inviolabilidade da constituição, nem a rigidez das virtudes que vos ennobrecem.

Vossa força, tão grande quanto benéfica, está nas attribuições supremas que em outros paizes se qualificão de prerogativas da coroa, e nossa constituição reuniu em um poder, sob o titulo de *moderador*. Ahi repousa a magestade cingida de todo o esplendor; ahi reside aquella porção importante da soberania popular, que a nação desprende de si, e encarnou em um homem superior, para a advertir em seus erros, e resistir á vehemencia de suas paixões.

O poder moderador é o *eu nacional*, a consciencia illustrada do povo. Assim como a creatura humana no correr da vida é admoestada por um senso intimo, que a obriga a reflectir sobre a moralidade do acto que vai praticar; a nação recebe do monarcha o mesmo serviço; e muitas vezes o remordimento precursor da má paixão, evita suas consequencias, obrigando o povo a reflectir.

O estudo d'este fecho do mecanismo constitucional será proficuo se cotejar os acontecimentos dos ultimos annos, que o tem traduzido na pratica.

Permitti que interrogue vossa memoria.

Qual o uso que tendes feito do poder moderador em relação á politica durante vinte cinco annos de effectivo reinado?

Destacão-se tres periodos bem distinctos na historia da politica imperial.

Até 1853 consistio essa politica em alternar no poder com espacos quasi iguaes os dous partidos existentes no paiz. Quando um enchia seu tempo de governar, começava a sentir uma resistencia surda; receioso de precipitar a queda ia contemporizando, até que sua persistencia se fatigasse ou vossa paciencia se exaurisse.

Assim cahirão os ministerios liberaes em 1841 e 1848; os conservadores em 1844 e 1853. A crise prolongava-se mais ou menos conforme o character dos individuos.

No periodo da conciliação de 1853 a 1862, nota-se uma alteração m ito sensivel em vossa politica. Os odios das antigas lu-

tas tinham magoado vosso coração realmente bom; doia-vos reinar sobre um povo que vivia a se dilacerar, e para o qual o exercicio de vossas attribuições constitucionaes era o signal de uma hecatombe.

Adoptastes então uma politica de tolerancia e concordia: em vez das transições bruscas do periodo anterior, reinou uma fluctuação do poder, obrigado a moldar-se ás menores asperezas da opinião.

Em 1862 começa a ultima phase. Chamando para organizar o gabinete de 24 de Maio ao conselheiro Zacharias, chefe da opposição na camara, revelastes a intenção de cingir-vos ás máximas do governo parlamentar. Com vigor era estreada a nova politica, pois cortando pelas tradições nacionaes, implantava-se no paiz o estylo inglez, segundo o qual o *leáder* da opposição nos communs é o director nato da situação por elle creada.

O primeiro obstaculo, produzido pelo voto explicito de desconfiança dado ao 24 de Maio, vos retrahio. Em vez do visconde de Uruguay, que se divulgou ser o nome proclamado pelos conservadores em uma assembléa do partido; em vez do conselheiro Torres Homem, chefe da maioria parlamentar, tirastes da penumbra um cidadão respeitavel, mas anachronico para a situação.

Comtudo vencida essa hesitação natural, o pensamento do governo parlamentar parece preponderar em vosso espirito até maio d'este anno em que novo obstaculo, desviou-vos do *leader* da opposição parlamentar para cahir de novo no mesmo anachronismo de 1863. Os ministerios de 15 de Janeiro, 31 de Agosto e a incumbencia de organizar o successor dada ao conselheiro Saraiva, emanão d'aquella tendencia de vosso espirito.

Creio ter sido fiel na exposição dos factos; serei sincero e respeitoso em sua apreciação.

Em nenhuma das tres phases a politica imperial parece ter sido a mais adequada ás circumstancias.

Na primeira phase, quando lutavão dois partidos organizados, nenhum d'elles teve tempo e meios de realisar suas idéas no

governo: elles alternavão-se em periodos regulares, e apenas no poder erão esterilizados pela resistencia demasiada que encontravão na moderação e prudencia da coroa.

No tempo da conciliação, a politica imperial, aliás com intenções louvaveis, longe de promover a restauração dos antigos ou creação de novos partidos; até certo ponto concorreu para agravar esse estado anomalo, com a conhecida repugnancia de usar da prerogativa de dissolver a câmara.

Nos ultimos annos a coroa foi nimiamente condescendente.

No estado de decadencia a que chegou o parlamento era impossivel conhecer os verdadeiros directores da opinião, pois de facto não existião. Pequenas saliencias, a presidencia da camara, um banquete ou qualquer circumstancia insignificante, apontavão á situação um homem talvez na vespera nullo.

Nos paizes onde o governo parlamentar funciona regularmente, o poder não oscilla á mercê de qualquer fatua manifestação de um grupo de deputados: segue a direcção firme que lhe imprime um partido organizado, com raizes na população.

O imperador não pôde sem duvida desprezar a opinião publica; se porém a opinião se estravia e contamina com a mais feia immoralidade, elle probo e austero, tem não só ante a nação, porém ante Deus, a obrigação indeclinavel de resistir em nome da lei e da moral.

Quando a nação não ouça a paternal admoestação, e se aprofunde no vicio, deturpando a virtude, elevando ao redor do throno mãos characteres e almas prostituidas, então...

Seria a circumstancia unica em que um rei teria o direito de abdicar sem fraqueza, abandonando á justiça de Deus o povo que delinquo!

Mas não haja receio. O Brasil vos ama; e responderá dignamente ao vosso appello.

31. de dezembro.

Erasm.

VIII

Senhor.

Os eixos sobre que deve girar o poder supremo confiado á coroa são diversos d'aquelles em que trabalhou até agora o nosso mecanismo representativo.

Situado na cupola do systema, neutro e inacessivel, o monarcha, poder nacional, plaina sobre os outros, meros poderes politicos. Elle não exprime sómente, como a legislatura, uma delegação da soberania; exprime um deposito permanente e sagrado. O imperador é mais do que o primeiro representante da nação; é seu defensor perpetuo, o magistrado supremo do estado.

Chamo-o poder nacional para significar a quasi communitate em que se acha com a nação. Nelle reside uma parte da soberania popular, que isolou-se em principio e se consolidou nessa grande individualidade, afim de resistir aos desvarios da opinião.

Nada caracteriza melhor a natureza d'esta sublime instituição e a excellencia da monarchia representativa do que o voto de Madison e outros illustres collaboradores da constituição americana.

Reconhecendo a necessidade de uma força moderadora, que servisse de salutar correctivo á omnipotencia da maioria; depois de laboriosas investigações confessarão os sinceros publicistas a impossibilidade de resolver o problema na fórma de governo puramente democratica.

Esse poder, senhor, a mais alta expressão da magestade, a constituição brasileira vos confiou privativamente. Não podeis tolerar, sem quebra de vosso juramento, que vontade alguma, qualquer que ella seja, penetre no recesso inviolavel das attribuições soberanas.

Os liberaes sinceros se empenhão com razão em desenvolver a coroa das attribuições do poder executivo, e a exaltão á região superior, para evitar que suture-se das paixões e intrigas que gera nos homiens a cobiça do mando.

Mais funesto será o mal, se os odios e interesses de partido attingirem á elevada esphera do poder moderador e a contagiarrem. Em vez do principio conservador que applaque os ausos da opinião esvairada, as prerogativas imperiaes na mão audaz dos aventureiros politicos se transformaráõ em instrumento de compressão ou anarchia.

A plenitude das attribuições supremas, com exclusão de qualquer poder, é uma das mais fortes garantias da liberdade. Lá da summidade do throno, senhor, guardaes a nação, melhor que nenhuma outra instituição, melhor do que a propria maioria. Nas eminencias o olhar se explana; e quando a base conturba-se, o primeiro ponto que oscilla é o cimo da pyramide.

Os liberaes brasileiros, do tempo em que os havia sem mescla e de marca, se intuíráõ tanto d'esta verdade, que em 1834 extinguirão o conselho de estado. Assim isentárão ainda mais a coroa do elemento aristocratico, arredando até esse minimo estorvo que podia tolher-lhe, com o pretexto das conveniencias, os generosos impulsos.

Não ha contestar este ponto. Os actos do poder moderador são de exclusiva competencia vossa: para exercel-os não dependeis de agentes e actualmente nem de conselho.

A constituição vos conferio em sua inteireza o titulo, como a effectividade, das prerogativas imperiaes. Basta que vossa vontade se enuncie de um modo positivo e solemne; torna-se logo de sua propria virtude e essencia facto consummado. No dominio da lei não se concebe resistencia para ella.

Só a nação, assumindo a plenitude da soberania constituinte a poderia revogar, se a justiça o reclamasse.

Não renovarei a controversia exhausta da responsabilidade ministerial em relação ao poder moderador. Esta questão, na qual se fez maior gasto de talento do que de idéas praticas, é ociosa; carece de assumpto.

Os actos do poder moderador, na qualidade de actos soberanos, são de sua natureza legalmente irresponsaveis. Emanão

d'aquella fracção da soberania organica e primitiva que se destacou da massa geral para lhe servir de contraste.

Se com o imperador está a maioria da nação, seu acto é omnipotente; não ha na terra tribunal para o julgar, a não ser o da consciencia universal.

Se é a opinião mesmo injusta da minoria que a magestade apoia, seu acto é innocente; significa apenas o protesto do fraco, a defeza do vencido, ante o supremo jury nacional que vai decidir do pleito politico.

Quando a tyrannia popular desterra Aristides por ser justo e sacrifica Luiz XVI por ser bom; a minoria não é responsavel pelo voto contrario. Sua opinião, subjugada embora, é um direito tão sagrado, como a opinião triumphante.

Quem estuda com profundeza a sublime instituição do poder moderador reconhece essa natureza essencialmente innoxia. Ao passo que sua acção benefica é de alcance immenso para o estado, cuja salvação muitas vezes depende d'ella: não está em sua esphera cercear uma só attribuição de qualquer poder, nem restringir os direitos individuaes do cidadão.

A substancia d'essa instituição é o grande principio da resistencia, reconhecido pelo voto unanime dos publicistas, como o nervo do governo representativo. A luta, que se observa em maior ou menor gráo por toda a trama do systema, manifesta-se aqui na mais alta expressão: entre o povo e o rei, entre a soberania manente e a soberania vigilante.

Nem todas as funcções moderadoras são colligidas no monarcha; certas costumão ser confiadas ao senado vitalicio e ao poder judiciario; outras completamente inertes, ficão depositadas na lei fundamental do estado.

Nossa constituição fornece um exemplo frisante das ultimas.

O povo brasileiro que aceitou a lei fundamental de 25 de março de 1824, tinha sem contestação o direito soberano de a revogar, apenas se convencesse que não era a mais propria para sua felicidade. Receando-se porém da propria precipitação, oppoz-lhe

embaraços nos tramittes estabelecidos para a reforma constitucional. (art. 174 a 177).

Esse impedimento creado á si mesma pela soberania é uma função moderadora. Vossas attribuições, senhor, tem igual character e maior virtude. Sois uma lei tambem; mas lei viva, so-lerte, energica, armada, para defender a nação contra suas paixões, e obriga-a a reflectir nos transes solemnes.

A democracia grega e romana no tempo de sua indomavel independencia sentirão a necessidade d'esse correctivo, e o buscárão na religião. O oraculo foi o poder moderador para os povos primitivos.

O abuso das prerogativas imperiaes retarda momentaneamente a marcha do paiz; mas não perturba as evoluções regulares do systema. Cumpra cada um o seu dever; que dentro da orbita da lei o equilibrio se restabelecerá.

A nação, conscia de sua justiça, forte pela convicção, assumirá uma attitude digna, e no termo preciso obterá pelos meios constitucionaes revogar ou restringir o deposito da porção de soberania confiada á coroa.

Quando a controversia da responsabilidade ministerial nas prerogativas imperiaes escapasse á censura de ociosa, seria para incorrer na pecha de futil.

Essa formula só prestaria a dois fins: á restringir o uso das attribuições supremas da coroa, tornando a manifestação de sua vontade dependente de influencias parlamentares elevadas ao ministerio; á resguardar a coroa de toda a imputabilidade, ainda mesmo d'aquella intima e recondita que escapa á acção da lei e á censura publica.

Ambas as pretensões além de inconstitucionaes são impossiveis.

Não ha torpeza imaginavel, que não encontre homem ainda mais torpe para a praticar. Um rei perverso nunca deixa de fazer o mal por falta de ignobeis instrumentos para suas cruezas. Carlos IX arcabusava elle proprio o povo de Paris por divertimento, não por necessidade.

Tambem força alguma é capaz de subtrahir um facto ao in-

fluxo d'essa opinião ambiente, elastica e subtil que insinua-se por todos os póros, e circula, como o ar na atmosphera.

Fez Deus a consciencia humana tão elevada, que nem a sua propria omnipotencia creadora eximiu ao senso intimo da creatura, quanto mais a magestade humana.

Se o acto do poder moderador irritar o espirito publico em um paiz intolerante, é inutil atravessarem por diante qualquer barreira; a opinião ha de rompê-la para ir á vontade superior que perante a constituição é a fonte exclusiva dos decretos soberanos. A autoria lhe pertence ou haja iniciado, ou simplesmente approved a medida.

O povo francez entendeu que Luiz Philippe não o tinha bem governado; cassou-lhe a soberania e desaforou-o da patria. Aquelles que referendárão seus actos são cidadãos francezes: e talvez fossem ministros do imperio, como forão do reino, se Napoleão III quizesse aproveitar-lhes os serviços.

A responsabilidade ministerial nas prerogativas da coroa só tem um effeito real, e esse deploravel; o de rebaixar ministros, investidos das importantes funcções do poder executivo, á instrumentos cegos e passivos, manivellas que a coroa rejeitaria mal as sentisse perras em sua mão.

Fazei cumprir a constituição, senhor. Não consenti que sob vossa rubrica, se escreva outro nome qualquer. Essa lauda que transmite vossa vontade, representa a superficie onde se exerceu o poder inviolavel e sagrado. A assignatura de um ministro ali é uma invasão á soberania e uma profanação á magestade.

Relevae, senhor, que a proposito d'esta these constitucional eu refra-me a um facto bem recente.

Correu que a nomeação de alguns conselheiros de estado fora adiada pela opposição que a dois nomes fizerão certos ministros. Se este facto que chegou até á minha obscuridade é verdadeiro, por elle avaliareis da casta de solidariedade ministerial que voga em nosso paiz. Vereis como a inviolabilidade da coroa é a cada instante exposta á censura publica.

A nomeação de conselheiro de estado é de vossa privativa competência. A respeito dos primitivos a constituição o declarou positivamente e por duas vezes (art. 137 e 139).

Se entrasse na intenção da lei fundamental attribuir essa nomeação ao poder executivo, a deixaria implicita na generalidade do art. 102 § 4º onde bem coubera.

Não podia essa faculdade da nomeação de conselheiros figurar entre as prerogativas mencionadas no art. 101; porque não é como ellas uma attribuição moderadora, e apenas uma clausula ou fórmal inherente ao exercicio d'essas attribuições.

Outras competências tem o imperador individualmente, como a de dar tutor ao menor que lhe succede (art. 130), resolver o casamento da herdeira presumptiva (art. 120), nomear mestres para seus filhos e mordomo de sua casa (art. 110 e 114). Nenhum d'esses actos exclusivamente imperiaes forão mencionados entre as prerogativas; porque são, com a nomeação dos conselheiros d'estado, a moralidade da coroa.

Quando no dominio da constituição, em que a audiencia do conselho de estado era obrigatoria, a nomeação foi privativa do imperador; a duvida seria impertinente no dominio da lei ordinaria que restabeleceu essa instituição.

Actualmente a audiencia do conselho de estado é acto espontaneo da coroa. Haveria incoherencia da lei em privar da escolha do conselheiro, quem o pode condemnar a eterno mutismo, recusando-se a ouvi-lo jámais.

Emfim ha verdades, que calão. Se competisse ao executivo tal nomeação, talvez o vosso conselho se compozesse de homens, que embora notaveis no seu partido, não tivessem a vossa estima e confiança, condições essenciaes do cargo!

Eis uma occasião opportuna, senhor, para arrancar á omnipotencia ministerial uma parcella cerceada á magestade.

No momento em que vossa vontade tenha sua manifestação authentica e solemne; os escolhidos estão nomeados. Ao ministerio cumpre pura e simplesmente executar o acto.

Se a solidariedade ministerial impede vossa interferencia nas resoluções do executivo ; aqui é a inviolabilidade da coroa que rechaça qualquer contestação do gabinete.

Depois do acto executado, entendendo o gabinete ou algum dos membros que não deve tomar a responsabilidade de suas consequencias, renuncia ao poder e vai ao parlamento declarar abertamente sem figuras nem rodeios os motivos de sua retirada. O paiz julgará do criterio d'elles.

Que o ministro não pôde negar execução ao acto do poder moderador sem incorrer em traição, é evidente. O contrario importaria uma restricção indirecta do exercicio das attribuições supremas. Com a ameaça da demissão em circumstancias melindrosas, se tolheria o impulso da coroa.

O acto moderador é irresponsavel ; sua realisação tem a mesma natureza ; a imputabilidade só é possivel em relação á forma abusiva de execução.

Estudo da maior importancia é o da natureza do poder moderador.

No complexo das attribuições que lhe são conferidas se destacão duas acções bem discernidas, duas forças inversas ; conservação e restauração.

A força conservadora está na faculdade concedida ao imperante de modificar o exercicio de um poder politico, sem comtudo o alterar : pelo veto, a lei ; pela reunião extraordinaria da assembléa, a administração ; pelo perdão ou amnistia, a justiça.

Nas condições normaes do systema essa força preventiva basta para aplinar as escabrosidades, que por ventura impeção a rotação do machinismo politico, ou para conter os movimentos accelerados e imprudentes.

Os directores da opinião são chamados a governar o paiz ; a maioria parlamentar de que erão chefes ou pelo menos vultos proeminentes, apoia sua administração. O monarcha repousa na confiança do partido cujas idéas a nação adoptou. Se julga que o poder executivo d'ellas se afasta, fal-o comparecer ante a maioria que o elevou para que lhe tome contas severas.

Mas ha circumstancias excepçoes em que a simples conservação seria insufficiente para preservar o systema da ruina. Tais crises, motivadas pela extravasão de um poder ou inercia de outros, produzem o emperramento de todo o mecanismo politico e logo apoz a corrosão e completo aniquilamento.

Momento semelhante é o da nossa actualidade. A depravação do poder legislativo e dependencia do judiciario de um lado, exorbitancia do executivo por outro, paralyarão entre nós o governo representativo. A atonia do povo e sua rudez politica, a par do espantoso desenvolvimento e corrupção do elemento burocratico, dão ao mal uma enormidade assustadora.

E' para estas graves crises que a constituição armou o monarcha tambem de uma acção impulsora, capaz de restaurar o systema. «Quando as molas desarranjadas se chocão, embatem e travão, é necessario uma força que as reponha em seu lugar» diz B. Constant, attribuindo ao poder real a acção preservante e reparadora. (*T. de Politica* — cap. 2º)

A alta e suprema iniciativa da coroa não se confunde com a iniciativa de esfera menos elevada, que imprime o movimento à administração. Esta é regulamentar; a constituição a reservou na maxima parte para o poder executivo.

O discrimen da iniciativa imperial, que a distingue essencialmente de qualquer outra, é de funcionar acima da propria constituição. Esta attitude reclama um termo novo. A força activa do poder moderador é sobreconstitucional; elle se exerce em um espaço superior, intermedio entre a constituição, soberania escripta e anterior, e o voto, soberania latente e actual.

O imperador com um acto seu modifica ou altera um poder; não na essência juridica das attribuições, mas na essência moral da personalidade. Muda o ministerio, dissolve o ramo temporario do poder legislativo; suspende os magistrados.

Nenhum poder, nem mesmo o povo, tem no dominio da constituição, faculdade igual.

A nomeação e demissão do ministerio é o primeiro momento

d'essa iniciativa. Do imperador emana directa e exclusivamente a organização d'esse corpo executivo, que dá o impulso ao estado. Tem pois a coroa o incontestavel direito de inaugurar uma nova ordem de cousas, escolhendo para o gabinete homens que sirvão de interpretes ao seu pensamento politico.

Quando no paiz existem partidos governamentaes organizados, cada um d'elles attrahe as melhores intelligencias e se torna depositario de uma somma de idéas praticas. A missão do monarcha é respeitar a opinião, deixando aos principios por ella exaltados a liberdade de sementearem o bem que encerrão. O ministerio sabe então do seio da maioria parlamentar, que representa a excellencia da opinião.

Mas os partidos se corrompem; a elles succedem facções perigosas, ou uma burocracia formidavel que impõe á coroa os ministros e ao povo os representantes. O estylo da organização parlamentar do gabinete suspende-se. O monarcha está investido do direito de escolher os homens que entender, sem restricção alguma; *alone without any advisers*, dizem os inglezes.

Admirae, senhor, a sabedoria de nossa constituição, que mencionando esta attribuição a firmou com uma palavra energica, não usada em relação ás anteriores: *livremente*. Como nenhum obstaculo pôde, surgir na orbita das outras prerogativas, não houve necessidade de as robustecer; bastou indical-as. Nesta era possivel que se oppozesse a razão do costume e a susceptibilidade parlamentar; desatou-se pois a magestade d'essas filigranas.

Como remate ao pensamento salutar, deu-se maior amplitude e facilidade á escolha; já isentando o cargo de ministro de habilitações exigidas em outros de menos importancia; já dispensando a audiencia do conselho de estado que era necessaria em todos os actos do poder moderador, até mesmo na nomeação de senadores.

Quiz o legislador collocar essa attribuição magestatica em tal plenitude, que não achasse o imperador estorvos senão em sua consciencia e no voto nacional.

Mas a iniciativa imperial seria nulla se não fosse apoiada pelo acto complementar da dissolução, que avoca ante a soberania o grande pleito entre a coroa e o parlamento.

A dissolução não é, senhor, um acto violento, como falsamente o considerão os partidos sem base, que aspirão ao poder, só pelo poder. É um acto ás vezes de energia, ás vezes de consummada prudencia; mas em todo o caso essencialmente liberal.

Sempre que o monarcha se põe em face do seu povo, elle dá testemunho de respeito á soberania nacional. Tambem sempre que a camara temporaria se restaura no seio da nação, ella volta das urnas mais forte e vigorosa; é a opinião revestida da sancção popular.

Não se pôde sinceramente contestar á coroa esse alto e sublime attributo de influir no paiz pela formação livre do gabinete uma nova idéa, e propôr á vontade nacional uma politica extranha aos partidos actuaes.

Tal iniciativa é um alvitre dado á nação por seu conselheiro supremo.

O rei constitucional não é uma cifra, diz Brougham, escriptor da mais pura escola liberal. Reduziria o poder moderador á essa nulla expressão, quem pretendesse privar-o da faculdade de imprimir melhor direcção á politica do estado, e experimentar no governo novas idéas em substituição de outras gastas.

Despido do poder executivo, de que lhe não compete mais que o titulo honorario de chefe; obrigado no uso das prerogativas á adstringir-se á um ou outro partido; a coroa em vez de pendulo director, seria como leve grimpa mobil aos sopros da opinião.

Que se devera esperar de um rei tão completamente annullado na parte mais nobre da personalidade?

Uma razão, condemnada ao sacrificio perpetuo das convicções, reduzida á refranger como uma superficie polida as idéas estranhas, breve se havia de embotar e perverter na ociosidade. Semelhante rei seria um luxo dispendioso para o estado.

Tem-se visto sob a purpura todas as variações do espirito hu-

mano desde a tyrannia até a imbecilidade; porém esse aleijão político nunca existio, nem hade existir. Um homem, Sieyès, ideou semelhante indecencia com o titulo pomposo de grande eleitor. O sarcasmo de Napoleão esmagou o sonho: « Que homem de hrios ha ahi que se sujeite á condição de um porco com alguns milhões para ceva? »

A constituição brasileira, promulgada por um principe heroico, elaborada por conspícuos varões, não podia deixar imperfeita a cupola do grandioso edificio. A coroa ahi está revestida de tal pujança, que sendo necessario pôde fazer parar a nação um instante, como Josué fez parar o sol.

O propheta recebia sua possança de Deos; o imperador a recebe da lei.

Se a constituição a visasse em restringir a iniciativa do imperador não devia de lhe attribuir a nomeação e demissão do gabinete, para que este sabbisse infallivelmente do seio da maioria parlamentar. Quando julgasse o poder neutro necessaria uma mudança na politica, a provocaria pela dissolução da camara.

O paiz elegeria novos representantes, que sustentariam o mesmo gabinete ou o arredariam do governo. Assim a iniciativa partiria da opinião: e as funções da coroa se limitariam á de um simples vigia collocado na eminencia para dar rebato.

Bem diverso porém é seu preceito. O pensamento politico emana previa e exclusivamente da coroa; ao parlamento, representante proximo e recente da opinião, cabe acatá-lo; se o não faz a nação é chamada a decidir em ultima instancia.

Essa provocação do imperador tem efeitos muito salutaes no systema representativo. Ella entretem a animação na vida publica e desenvolve o vigor da opinião. O fluxo e refluxo de idéas entre o throno e o povo corrige e lima o elemento aristocratico, o qual por sua vez contrahe os fortes impulsos dos principios extremos.

O povo, cuja cabeça não encerra uma vontade firme, se enerva na indolencia, emquanto a classe burocratica, illustrada e activa, adquire uma exuberancia de força, que muitas vezes produz a

congestão do poder. E' como um individuo apathico; as extremidades se relaxão; o ventre se avoluma.

E' preciso que o rei saiba querer, para que o povo aprenda a resistir; assim instruem-se mutuamente, o rei na sciencia do governo, o povo na sciencia da liberdade.

Além d'essa iniciativa legal exerce o monarcha a influencia moral inherente á magestade e realçada por seus meritos pessoais. O simples agrado do soberano virtuoso encerra, diz B. Constant, «um thesouro inesgotavel de opinião para a monarchia».

Em Inglaterra os pares, membros natos do conselho privado, tem o direito de entreter o rei em audiencia particular sobre os negocios publicos. Os altos magistrados e membros da administração pertencem tambem áquelle conselho e frequentes vezes consultão directamente a coroa.

A transmissão constante de idéas entre o monarcha e os cidadãos principaes aproxima do throno a classe illustrada e permite que por meio d'ella se derrame no paiz o influxo das idéas do primeiro cidadão e ás luzes de sua experiencia. Opera-se uma consubstanciación da coroa e do espirito publico. Maior influencia e mais grata não pôde exercer sobre a administração um monarcha illustrado, do que essa da virtude é saber. Escusa fatigar-se com o trabalho ministerial, quem dirige a opinião de que o gabinete é apenas um instrumento.

Ha, é certo, no paiz uma escola que se teme do prestigio imperial, porque offusca muito ouropel. Pretende ella que a expansibilidade do monarcha destroe o equilibrio dos outros poderes.

«Faz-me isso lembrar, senhor, de uma zombaria de Suwiff sobre a diplomacia européa. — « Quereis vosso equilibrio tão perfeito que se um pardal imprevisito pousar n'algun canto, derrocará todo o edificio.» —

7 de Janeiro.

Erásmo,

IX

Senhor:

A attitude que deveis tomar ante a crise está desenhada pelos traços vivos da situação.

Tendes o poder que vos confere a constituição; a força que vos transmite o povo.

Que resta?

Vontade para querer não vos ha de faltar. Só esperaes que vos advirta a consciencia do momento opportuno. Não tarda. O silencio profundo que enche as regiões superiores já foi abalado pela surda repercussão da crise.

Não tenho o desvanecimento de patentear á vossa rasão esclarecida, idéas que lhe sejam desconhecidas. Quanto disse e accrescente não é mais que transumpto de vossa meditação sobre a causa publica.

É usual, nas graves situações, darmos ao pensamento uma fórma sensível, para assim fazel-o comparecer ante a mente calma que melhor o afere e critica.

Sou para vossa consciencia essa voz ou pagina intima.

Permitti pois que continue a trazer perante ella as reflexões cabidas que em vós despertão os soffrimentos da patria.

A primordial necessidade da politica, podeis agora palpala, é recolher á sua orbita legal o elemento aristocratico, para restabelecer o equilibrio entre os tres principios cardeaes da monarchia representativa.

Não se trata de reproduzir a obra ingrata da assolação das notabilidades, que em 1858 commetterão alguns cavadores de ruinas, sob o pretexto de olygarchia. Empenhárão-se em aluir as grandes reputações e derrocar os nomes puros, melhor riqueza da patria, accumulada em muitos annos de trabalho.

Todo esse improbo affan para substituir á influencia legitima do saber e virtude, uma nova e então verdadeira olygarchia! Esta sem base no passado e confiança no futuro, sedenta de mando,

desenvolveu em larga escala a corrupção, como o unico meio de se manter e firmar.

A missão da actualidade é restaurar e não demolir. Aquella propaganda foi inspirada pela ambição e despeito; seu fim era sómente mudar as figuras do xadrez politico. O empenho actual tem nobre motivo; é o restabelecimento do principio. Não se indaga das parcialidades, mas das boas doutrinas do systema; não se inquiram nomes, e só capacidades.

Quando pois alludo á influencia perniciosa da burocracia, senhor, destaco a parte san actualmente annullada; só me refiro a essa classe ambigua, sem principios nem crenças, que parece ter arrematado em hasta publica a empreitada da alta administração. Os empregados honestos e as ambições nobres, que buscão a carreira publica, soffrem sua arrogante oppressão.

A aristocracia é um elemento infallivel e salutar no governo e na sociedade. Deus a estabeleceu dando ao homem cabeça e coração, intelligencia e virtude. Sem o estímulo da elevação a humanidade ficaria eternamente jungida á sua animalidade.

A excellencia da monarchia representativa é tirar á esse elemento o privilegio de casta, que o torna odioso e absurdo. A acção popular constantemente o revolve, vazando-lhe no seio nova e robusta substancia.

De todas as aristocracias, a que se fórma da classe administrativa e da influencia official, é reconhecida pelos publicistas, como de maiores vantagens para o paiz.

Ella desenvolve a sciencia do governo, accumula avultado cabedal de tradições, e mantém a firmeza e persistencia na marcha do estado. Esses beneficios são compensados muitas vezes por inconvenientes taes como a rotina, o amesquinhamento das grandes individualidades e a compressão das jovens intelligencias.

A nossa aristocracia é burocratica: não que se componha sómente de funcionarios publicos; mas essa classe fórma a sua base, á qual adhere por aliança ou dependencia, toda a camada superior da sociedade brasileira.

Para o desenvolvimento espantoso que tem esse corpo official entre nós, não concorre, como pensão, o numero dos empregos; sim a tendencia absorvente da administração á par da falta de iniciativa particular.

A mais acertada organização do elemento burocratico é assumpto de grande importancia, que vira opportunamente. Curre-se agora sómente de extorquir ao actual conventiculado a soberania usurpada que oppõe invencivel obstaculo á realidade do systema.

Quando o elemento aristocratico está personificado em uma classe na maxima parte honesta e moralizada, ella impressiona-se logo com a exuberancia do poder que adquire, e sente a necessidade de a restringir no interesse proprio.

Onde impera a virtude, o egoismo das mais nobres ambições acaba por submeter-se.

Diverso é quando a corrupção invade a aristocracia de um país. Produz-se então uma compacidade do vicio, que suffoca interiormente a parte sã e oppõe no exterior uma superficie impenetravel á qualquer esforço.

A cohesão é sua força; hade viver assim, para não deixar de viver. O instincto da conservação a adverte do perigo de ser penetrada pela acção da lei, que a traspassaria até o ímo, desmoronando-a.

Essa é a situação da classe superior no Brasil: a desmoralização infelizmente a infestou. Os caracteres integros obtêm muito preservando-se do contagio; isolados pela depravação que os cerca e insinua-se entre, sem o apoio dos generosos impulsos do povo, qualquer esforço individual seria um suicidio politico.

A mocidade, opulenta de seve, rica de nobres estimulos, longe de influir vícios na geração gasta, é logo erestada. Ante ella, nos umbraes da vida publica ergue-se a ambição, como a Circe da fábula; e as jovens intelligencias se immolão ás torpes seducções, para escapar, como os companheiros de Ulysses, á condição de brutos.

Voltei os olhos em torno, senhor, e procurei um homem superior que se tenha elevado do seio do povo, na robustez de suas

crenças, na virgindade de sua intelligencia, na amplitude enfim de sua personalidade!

Não o encontrareis, eu vos garanto. A ambição longe de soltar, corta as azas aos mais nobres talentos. Almas opulentas que devião exuberar com a seve propria, se querem vingar são obrigadas a se enxertar nos troncos podres e carunchosos.

No Brasil a burocracia não é ainda o povo brasileiro; como outrora em Roma o patriciado foi o povo romano. Mas tem o arbitrio de fazer e desfazer das massas que habitão o imperio uma nação artificial.

Ella outorga e cassa ao cidadão brasileiro o voto, que não é sòmente um direito politico, feixe de todos os outros; mas uma fracção de soberania activa reservada a cada individualidade, para o governo do estado.

Depois de concertada a nação ficticia, levão-na às urnas afim de decidir de qual das duas porções da aristocracia devem sahir os deputados. Nestas occasiões para estimular seu bando, os cabos empregavão outrora o odio; actualmente a cobiça é de uso geral.

D'esta manipulação a que é submettido o dizimo do paiz real sahe o parlamento; a còr e a fôrma do producto divergem; mas o processo para a preparação é sempre o mesmo.

Não é menos curiosa a maneira por que a burocracia fabrica a opinião publica no Brasil.

Os jornaes, como tudo neste imperio, vivem da benevolencia da administração. No instante em que o governo quizer com affinco, a folha diaria de maior circulação descerá da posição que adquirio. Basta trancar-lhe as avenidas officiaes, e subvencionar largamente outra empreza com o fim de hostilisa-la.

Acarretaria esse exterminio crescida despeza, sem duvida; mas quem atira á mão larga milhares e milhares de contos para encampação de certas companhias e indemnisação de outras, não recuará quando se tratasse de abater um inimigo formidavel.

Não ha imprensa no Brasil capaz de affrontar-se com a classe superior em prol da democracia e dos verdadeiros principios cons-

tituções; nem haverá enquanto o povo não a poder acoroçar.

Os escriptores tem legítimas ambições. Outrora o mundo official os considerava meros instrumentos, remunerando-os com empregos subalternos; actualmente forão admittidos ao gremio, mas sob a condição rigorosa de respeitar as tradições e render culto ás conveniências.

E' escusado insistir em uma demonstração que diariamente se está fazendo ao vivo nos proprios factos.

Emprezas industriaes, associações mercantis, bancos, obras publicas, operações financeiras, privilegios, fornecimentos, todas essas fontes abundantes de riquezas improvisadas, emanão das alturas do poder. A burocracia as despeja á flux para os predilectos; e estanca para os desvalidos.

Ha fortunas avultadas, laboriosamente adquiridas; outras que se fórmão lentamente no commercio e agricultura fóra do bato protector da administração. Essas mesmas não obterão a consideração que almeirão, e o respeito á que tem direito, se não renderem preito á suzerania official.

Committão esse attentado, e o cofre das graças, escancaro para tantas mediocridades, nunca se abrirá ao trabalho honrado. O sub-delegado da parochia, no primeiro ensejo favoravel, descarregaria sobre o ousado todo seu despotismo villão!

Assim os diversos elementos de que se deve compor a mente nacional ficão sopitados; o espirito agricola, mercantil, litterario e artistico, talhidos no desenvolvimento, não concorrem á formar a opinião publica.

Só vive, pensa e governa no Brasil, o espirito burocratico.

Ageitados o parlamento e a opinião, a burocracia espera da coroa e ministerio para governar.

Stuart Mill a proposito da omnipotência da aristocracia russa diz com muita graça, que o Czar pode mandar para a Siberia todos seus membros um por um; mas não tem força para governar contra a vontade d'essa classe.

No Brasil os ministros são nomeados pela coroa; mas quem faz o gabinete é sómente a burocracia; nella reside a soberania popular fraudada á nação.

Quaesquer que sejam os nomes por vós escolhidos senhor, caracteres integros, vontades rígidas, o corpo official logo os absorve e amalgama, formando d'elles membros de tal monstre, que seus proprios amigos os desconhecem.

A aristocracia entre nós não tem felizmente, como em outros paizes, força propria e intrinseca, ou base solida e profunda. É parasita e superficial. Extrahе o succo das outras classes estranhas á administração, jorgando-as ao seu carro. As raizes que a prendem ao poder são frageis, dorque nem repousão na permanencia dos cargos, nem na popularidade.

Tal é o motivo do culto rendido á realza. Todas essas individualidades esperão com impaciencia um fragmento do poder; cegamente submettem-se á sombra da vontade imperial, julgando que este é o caminho mais breve e facil para subir ás eminencias do governo, pelo qual se mirrão.

Na mão de um usurpador esse corpo sedento de ambição fóra um instrumento maleavel para qualquer despotismo, que o admit-tisse á partilha na lisenja, e lhe acenasse com larga cota de vaidades.

É provavel que reunidos em assembléa, hesitassem um instante; questão de poder em uns; de desconfiança em outros. Mas escalados em grupos, e postos em face das radiantes promessas, nenhum resistiria á tentação, a não ser pela mesquinhez do salario.

Eis como sob as exterioridades do systema representativo coexistem duas cousas até certo ponto contradictorias; a soberania burocratica, sobreposta á nação, e a dictadura ministerial, disfarçada com a mascara do governo pessoal.

Tempse que nas monarchias o elemento aristocratico toma proporções amplias, observa-se uma convergencia mutua entre a realza e a democracia. Natural pender as aproxima.

Desde 1860 que eu observe a tendencia de vosso espirito, se-

nhor. Rompendo com a anterior reserva, começastes a prodigalizar a augusta pessoa em certos actos, aproveitando as occasiões de entrar mais no seio do povo.

Esse impulso que assusta o mundo official, não é symptoma de absolutismo como á muitos se afigura; sim a aspiração legítima da realza, para quebrar o circulo de ferro que a estreita, e renovar a aliança constitucional com a democracia.

O instincto do povo brasileiro o adverte da nobreza e justiça d'essa nova attitude da coroa. Elle responde constantemente com transportes de gratidão e assomos de esperança ás intenções do soberano.

Mas esses esforços não bastão para aluir a barreira compacta da burocracia. Enquanto a coroa temporisa e a opinião espera, a corrupção lastra e adquire uma intensidade perigosa.

Alguns espiritos bem intencionados que se preoccupão com o aspecto carregado da actualidade, trazem á lume suas idéas elevadas. São sementes atiradas na polida superficie da rocha; avelão.

A continuar semelhante estado, porque a geral timidez fuja de offender susceptibilidades, e levantar rancores; a catastrophe será infallivel. Chegamos áquelle ponto do desfiladeiro, em que já se não resvala, porém rola; algum tempo mais e o paiz se despenhará.

Absolvem-nos do passado; sim; mas depois de o ter remido; e o meio de o remir, é a confissão plena, sincera e constricta dos erros communs. O silencio com que se amortalha e sepulta a historia contemporanea, se não fosse um terror supersticioso, seria uma fraude á opinião.

Que valeu a censura á aristocracia franceza?

Chegado o momento fatal, o povo fez o inventario do passado, balanceou os seus soffrimentos, e rompeu os diques. Quanta riqueza de heroismo, nobreza, virtude e talento innocentes não foi immolada para resgatar as torpezas dos mãos!

Melhor é ter a justa consciencia do proprio estado, e sondar a ulcera para lhe conhecer a profundez.

A conservação acorda então a energia abatida; e da a coragem necessaria para amputar o membro gangrenado.

Debellar a corrupção, eis o grande programma nacional, o grito da patria, que não suffocão, nem as complicações da guerra, nem as conveniencias officiaes, mordanças com que se pretende abafar a opinião.

Vossa missão é ardua, senhor, mas é sublime, é quasi a missão da Providencia; incutir a fé nos bons e o terror nos máos.

Bem sei que a severidade vos peza tanto, como vos praz a clemencia; mas ha circumstancias, e esta é uma, em que a tolerancia para a culpa seria um menoscabo á virtude.

Usae do inexhaurivel thesouro de opinião, que vos dá a magestade e vossa grande popularidade augmenta. O olhar, a palavra, o agrado, de que falla B. Constant, são raios que animão esperanças quando brilhão, e desmaião as vaidades d'onde se retirão.

Estava eu bem longe ainda d'este mundo politico, em outro onde não reina o egoismo, quando ouvi á um velho circumspecto fallar de vossa repugnancia invencivel por certo homem publico. Tinhão exhibido as provas de acto feio por elle praticado como juiz; e desde então recusastes vossa rubrica a qualquer decreto onde se lia seu nome!

Senti ao ouvi-lo, os dictames da moral que me havia ensinado vibrarem com força maior e se imbuirem no coração. Sou homem, sujeito ao erro, senhor; naquelle instante creio que fui invulneravel.

Ingrata profissão é actualmente a da probidade! Em contagio com o vicio triumphante, expostos á indifferença quando não ao motejo publico, sem a mutua adhesão, os homens honestos temem-se ás vezes de sua propria consciencia.

Achem elles ao menos na magestade um exempló consolador, que os anime e preserve.

16 de Janeiro.

Crasmo.



Provaste, senhor, que em vosso reinado não ha homens impossiveis: completas o magnanimo pensamento, mostrando que tambem não os ha necessarios.

Seja necessaria sómente a benemerencia, como só deve ser impossivel o vicio, ainda quando o adornem as galas de um espirito superior.

Cousa acerba é a prostituição de uma bella intelligencia! E o cancro no rosto, o lodo na pompa! E perigosa; produz a fascinação do mal; se a immoralidade fosse estúpida; a irrisão a expulsaria do mundo.

Era uma grande capacidade, Bacon. Subio aos mais altos cargos; porém estreára sua carreira pela vilania, corou-a com a concussão. Foi apeado das honras e para sempre expellido da carreira publica.

Taes exemplos, senhor, repousão o espirito na historia e lhe dão vigorosa tempera. O alto magistrado decahido recolheu á vida privada; a expiação foi digna d'elle. Essa grande alma depurou-se no fogo sagrado da sciencia. A posteridade a absolveu.

Talentos apparecem n'este paiz que precisão de igual redempção. A expiação do estudo e labor seria proveitosa aos seus creditos e a gloria da patria; enquanto que sua permanencia na politica damna o paiz; contagia a mocidade que desponta.

Muitos, como dizia Napoleão do indigno Talleyrand, «vivem em estado permanente de traição, mas sempre de complicitade com a fortuna».

Quem são esses?...

Oh! Não temei, senhor, que desacate a magestade. A' miude vos fazem ass'stir desgostoso ao espectáculo cesariano da luta de gladiadores que se dilacerão no circo publico.

Não seja eu que á semelhança dos antigos athletas, me dispa na praça, cinja os rins com o latego, rebolque-me na poeira, e assim preparado nas regras da arte, arraste á arena uma reputação e trave com ella a luta de corpo.

Acommetto com uma indignação funda e muito tempo socalcada a corrupção que invade meu paiz ; as victimas deploro-as, não as conheço. Sei eu parte mínima d'este grande enfermo, se o miasma já incubou-se em mim ?

Vosso mesmo olhar de supremo juiz quiçá não devasse o cháos de paixões accumuladas durante tantos annos ; nem penetre a incrustação espessa de que o odio ou a lisonja cobrirão as reputações.

Talvez seja mais justo sellar com a clemencia este passado afflictivo, do que revolver-lhe as cinzas que ainda escaldão. Reparti, senhor, a culpa por todos nós, que todos n'ella incorremos, uns pela avidez, outros pela fraqueza, a maxima parte pela indifferença.

Vamos ante o altar da patria, pôr em commum os nossos erros e as nossas virtudes, para remir aquelles e fortalecer estas.

Mas tambem cresça a severidade depois d'essa geral remissão. D'aqui em diante seja o minimo desvio grave culpa. Discrimine vosso olhar austero os bons e máos ; affaste estes dos cargos e honras, e anime os esforços d'aquelles. Dareis assim á opinião apathica um exemplo necessario.

Não vos hade retrahir n'essa missão bemfaseja, a resistencia que por ventura opponha a corrupção. Ella é forte sem duvida, mas ha de abater se ante vossa inflexibilidade.

No momento em que assumirdes a attitude firme e severa, produzir-se-ha na gente honesta uma commoção agradável que espante o torpor. Abundão ainda felizmente os corações rectos que anhelão pela restauração dos costumes e das leis.

O receio abafa as manifestações ; as rivalidades dividem e extraviam os melhores impulsos. Não ha um elo capaz de prender todos esses movimentos generosos. Os nomes illustres, se ainda grangeão respeito, já não inspirão confiança.

O chefe, por quem a parte san da população almeja ; o pensamento director contra o qual não se concebem rivalidades ; o centro para onde convirjão as unidades esparsas ; sereis vós, senhor.

A flor do paiz se reunirá ao redor do throno. Esse hade ser

vosso partido; o grande partido nacional da regeneração, de cuja substancia devem sahir os novos partidos politicos.

O resto são fezes, que só dão materia vil para facções.

No seio mesmo da corrupção ha uma parte, não eivada, e apenas comprimida. E' natural que a repercussão a agite tambem, e lhe dê forças para sacudir o jugo da immoralidade.

Emfim, senhor, ponde ao serviço d'essa causa pura os enthusiasmos populares, que vosso nome desperta e actualmente se desperdição em estereis manifestações! Quando o monarcha tira sua força de Deus e do povo, elle é invencivel e todo poderoso no estado.

Estes actos porém não são mais que accessorios, embora importantes, da grande iniciativa que deveis tomar em relação à marcha do paiz.

Adoptais uma politica, ou liberal ou conservadora, qual á vossa alta sabedoria pareça mais acertada; porém uma politica firme, honesta e franca, enunciada ante o paiz com civismo, realisada com energia.

Parece-me que vos estou ouvindo com a habitual concisão enunciar em termos claros e sobrios o pensamento capital da futura administração:

« A necessidade maxima da crise é educar o povo e moralisar a autoridade. Cumpre executar com boa fé e lealdade as leis que temos, emquanto não é possivel melhoral-as no que se avisará desde já e com o preciso criterio.

« Não se toque na lei das leis, nem para a violar, nem para a illudir. O dolo é mais pernicioso que a violencia. Esta não deixa precedente; é excepção de força. Aquelle é vicio que fica entranhado e corrompe.

« Para restaurar o systema representativo não se ha mister de alterar a constituição, mas sómente de a realisar; quando fór tempo de aperfeiçoar as instituições, então recorra-se ao meio extraordinario.

« A eleição dupla sobre larga base é mais democratica do que a eleição censitaria. O grande partido liberal nunca, desde a in-

dependencia até a época de seu apogeo, achou embaraços n'este systema, que a refôrma democratica de 1834 respeitou.

« Não sejamos tão prodigos e desdenhosos do bem já adquirido. Convém extrahir das instituições actuaes toda a substancia possivel até agora votada ao mal e empregal-a á produzir o bem. E' um esforço mais modesto que o das bellas theorias; porém de summa utilidade.

« Qual for a tendencia das idéas, sua base essencial e nosso primeiro empenho deve ser a restauração do espirito publico. Restitua-se ao povo o exercicio do direito de voto de que é mero titular, e o uso dos tres poderes democraticos actualmente passivos ».

Para realizar estas idéas, escolheis um estadista que as partilhe sinceramente, character são, vontade firme, boa intelligencia. Forma-se um ministerio na altura da situação, um ministerio exemplo, que infunda respeito e levante dedicações. Fortifical-o, senhor, com a vossa confiança plena, para que elle possa arrostar os primeiros arremessos da inveja e o panico dos perdidos.

Se accommettido o intento, devesse a coroa d'elle recuar, melhor seria não decidir-se; porque, frustrando-se essa derradeira esperança, a decepção e estupor do paiz serão terriveis.

Não é de presumir de um gabinete organizado sob taes auspicios e honrado com a mais nobre confiança, que se desvie da senda do dever. Quando porém commetta semelhante fraqueza, e duvidando de si transija com a corrupção, supprimi-o, senhor, incontinente. Vossa energia excitará novos transportes.

« A honra é sempre a melhor politica. » Foi não sómente uma bella phrase, como uma obra gloriosa de Washington. Actualmente que se desenvolve entre nós um fervor de americanismo, seria para desejar que antes dos braços e artefactos, transportassem de preferencia para esta America as virtuosas tradições d'aquelles rigidos cidadãos, que primeiro civilisarão a liberdade no novo mundo.

A prosperidade material, que muitos sonhão e esperão da colonisação, das estradas de ferro, da navegação dos rios, o que fóra

sem a regeneração moral do paiz? Materia para a combustão; pasto aos vermes.

A grandeza material d'este imperio é obra de Deus. A exuberancia do solo, a força creadora do clima, hão de fazel-o opulento infallivelmente. Do que mais necessitamos é da grandeza moral; das virtudes que ornão a juventude dos povos; e já mareasmos nós imperio de hontem, nos vicios das nações decrepitas.

O primeiro acto do novo gabinete, creio que será pedir-vos a dissolução da camara. A exposição dos motivos d'esse decreto valerá ante o paiz como a declaração formal e completa da politica inaugurada.

Ainda que a camara estivesse disposta a acceitar a nova ordem de cousas, a verdade do systema representativo e o decoro parlamentar exigião a provocação ás urnas.

A camara, representante immediato do povo, exprime a opinião actual do paiz, a opinião que vigorava desde o tempo de sua eleição até o momento presente. Quando o monarcha entende que o bem do estado reclama outras idéas, extranhas ás lutas existentes; é preciso que a opinião se pronuncie explicitamente sobre a nova politica proposta pela coroa.

A camara anterior é anachronica para essa politica futura; seu apoio não patentearia o voto nacional: o senado não saberia qual attitude tomar. Por outro lado ficaria pairando sobre a facil assembléa uma forte suspeita de corrupção ou fraqueza.

E' por isso que o ministerio de 30 de maio de 1862 subverteu as fórmias parlamentares. Inaugurando uma terceira politica, extranha ás duas faces da opinião reinante no parlamento, não provocou como devera, o pronunciamento nacional.

Qual foi a consequencia? A nova legislatura apenas installada repudiou o gabinete; declarando por tal modo que a nação fóra governada cerca de dous annos contra seu voto.

Os vicios do nosso systema eleitoral, ninguem os desconhece; não obstante, sob a influencia regeneradora da revolução iniciada pela coroa e a acção de um governo justo, devemos esperar que

a nova camara seja pelo menos san e moralizada. Em peor regimen se elegêrão a constituinte e as legislaturas de 1826 e 1830, assembléas notaveis pelo patriotismo e independencia.

Quando porém aconteça que a nova legislatura saia das urnas contaminada pela venalidade, ou se deprave na verificação dos poderês; dissolvi-a de novo, senhor, e sem hesitação, embora preste decidido apoio ao gabinete. Será um exemplo de moralidade. A posição que assumirdes perante a nação, ha de acordar a consciencia publica. O paiz sentirá que desejais reinar sobre um povo moralizado.

Essa insistencia da coroa é legitima e salutar, apesar do que pretendão certos terroristas.

Um dos maiores politicos dos ultimos tempos, Cavour, tambem pensava que a dissolução, longe de ser uma violencia á vontade nacional, é o meio de imprimir á sua manifestação maior solemnidade. Elle dissolveu uma legislatura não obstante a grande maioria que o apoiava; era necessario fazer sentir ao senado, que resistia, a firmeza da opinião do paiz a respeito da secularisação dos bens ecclesiasticos.

Não tereis necessidade porém de insistir, senhor. Essa expansão vehemente do espirito publico a respeito de vossa augusta pessoa, é nuncia de uma crise salutar, que se ha de operar sob o influxo da iniciativa imperial. A nova legislatura corresponderá á situação; e votará as reformas mais urgentes, apoiando francamente o gabinete, porém mantendo illeza sua dignidade.

Deve apparecer no paiz uma opposição; qualquer que seja a perversão de seus instinctos, desde que combater um governo honesto, será coagida a moralisar-se para lutar com vantagem. Dizia o grande Pitt: « se não tivéssemos uma opposição seria necessario invental-a. »

O primeiro e grande beneficio de vossa politica será a restauração dos partidos e sua depuração. A virtude reassumirá seu imperio; a emulação para o bem voltará. As idéas actualmente suffocadas pelo egoismo poderão sahir á lume; em vez das gros-

seiras ciladas da corrupção, os principios combaterão com as armas leaes e nobres da intelligencia, que não gerão rancores.

Elles sentirão a necessidade de buscar o apoio das diversas classes do paiz, cujas tendencias fórmão as moleculas da opinião. A agricultura, o commercio, as letras, as artes, terão á par da administração voto na causa publica, e pesarão na balança social.

Restaurados os partidos, o feudalismo das posições officiaes desapparecerá para dar lugar á verdadeira aristocracia do merito, corrigida pela opinião, e renovada pela seiva popular. Ao ciuime e egoismo que aleijão o talento, ha de succeder a emulação que desenvolve as valentes intelligencias.

Os ministros notaveis não offuscão o brilho do throno, antes o realção. A historia não mostra um só grande rei, isolado d'essas vigorosas individualidades que são na phrase do evangelho « o sal da terra » e a creme dos povos.

Creae, senhor, estadistas eminentes; suas obras, como seus nomes, serão raios de vossa gloria.

Quando os illustres representantes da geração que vai sumirse, possão encher os seus dias com uma velhice de Chatam e Palmerston; quando aos novos estadistas, que se estão gastando em um doloroso attrito de paixões acerbas, se offereça a longa carreira de Canning, Russell e Gladstone; e á mocidade brasileira não se antolhe um souho impossivel a rapida ascenção de um William Pitt e Robert Peel; a coroa que vos cinge a augusta frente estará na altura de vosso nome.

O Brasil era menor ha vinte annos; porém estava então mais alto, porque na summidade que domina o throno brilhavão os grandes nomes de nossa historia, de que bem raros e eclipsados restão. A patria valia mais aos proprios olhos e á consideração das nações estrangeiras. Homens de grande merito e alta posição erão enviados nas missões diplomaticas, hoje quasi abandonadas.

Desbatem-se as clientelas para se formarem os nomes gloriosos, que attestão a existencia de um grande rei e de um grande povo. Elles são como as arvores gigantes que medrão nas encos-

tas das altas montanhas, onde exubera o humus da terra, e manão do alto ricos mananciaes.

Senhor.

O penoso sacrificio está consummado.

Muitas vezes arranquei a verdade do coração rebelde que a recusava; outras mais senti a magoa de a ter proferido: porém ante a magestade, não sou um homem; sou uma idéa, como ella é uma instituição.

Ha uma força fatal e invencivel que impelle as idéas a romperem atravez de uma época, ainda quando o individuo que lhes serve de conductor deva ser despedaçado. E' um projectil que arrebenta; deixal-o; o canhão arremessará outros.

Não tem nome as idéas. A verdade é o unico baptismo, como a razão é o unico foro, para os individuos que se fazem idéas, e se incorporão na massa da opinião.

Minha individualidade não foi estorvo a censura. Se alguma parte ella teve nos factos que a razão á frio condemna, a culpa lhe cabe, e mais grave que ás outras.

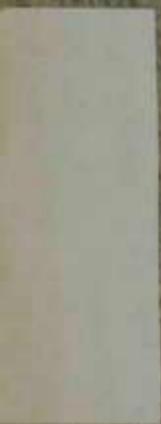
Não a defendi contra a propria consciencia; não a defenderei agora de vossa justa severidade.

24 de Janeiro.

Erasm.

Fim.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).